

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS/LINGÜÍSTICA**

**MÔNICA MANO TRINDADE**

**ENSINANDO E APRENDENDO COM HUMOR: LEITURA E  
PRODUÇÃO DE TEXTOS HUMORÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação  
em Letras-Lingüística da Universidade Federal de  
Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do  
grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Kuhn Junkes

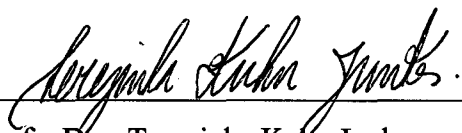
FLORIANÓPOLIS, 2001

# ENSINANDO E APRENDENDO COM HUMOR: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS HUMORÍSTICOS

MÔNICA MANO TRINDADE


Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre no curso de pós-  
graduação em Lingüística da Universidade Federal  
de Santa Catarina.

BANCA EXAMINADORA:

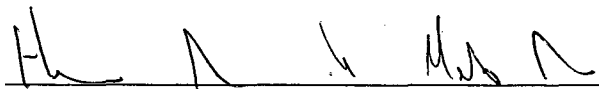


Profª. Dra. Terezinha Kuhn Junkes

ORIENTADORA



Prof. Dr. José Luiz Meurer (UFSC)



Prof. Dr. Heronides M. de Melo Moura (UFSC)

Prof. Dr. Marco Antônio E. da Rocha (UFSC)



Prof. Dr. Heronides M. de Melo Moura

COORDENADOR DO CURSO

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CNPQ, órgão financiador da pesquisa.

À Coordenação do Ensino Médio do Colégio Aplicação.

Aos alunos da segunda série A de 1999 e 2000.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Linguística.

À minha família, pelo apoio e compreensão.

Ao José Eduardo, pelo carinho dispensado.

## **SUMÁRIO**

<b>RESUMO</b>	<b>I</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>II</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I</b> <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	
1.1 Considerações sobre o humor	04
1.2 Uma abordagem interacional da linguagem	11
1.3 Tipos e Gêneros textuais	12
1.4 A relação texto/discurso	13
1.5 Intertextualidade e polifonia	15
1.6 Conceituando ideologia	16
1.7 O processo de leitura	17
1.8 O processo de escrita	20
<b>CAPÍTULO II</b> <b>METODOLOGIA</b>	
2.1 Caracterização do estudo	22
2.2 Definição de turmas e aulas	23
2.3 A relação pesquisador / alunos	25
2.4 A escolha do material	25
2.5 Relato das atividades com a turma I	26
2.6 Relato das atividades com a turma II	28



## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DA ATIVIDADE DE LEITURA**

Preliminares	30
3.1 Turma I	30
3.2 Turma II	40
3.3 Trabalhando as semelhanças e diferenças	54

## **CAPÍTULO IV**

### **ANÁLISE DA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

Preliminares	59
4.1 Atividade de produção textual	60
4.2 Turma I	62
4.3 Turma II	73

## **CONCLUSÃO**

83

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

86

## **ANEXOS**

Anexo A	88
Anexo B	90
Anexo C	91
Anexo D	92
Anexo E	93
Anexo F	94
Anexo G	95
Anexo H	96
Anexo I	97
Anexo J	98
Anexo L	99
Anexo M	100
Anexo N	101

## RESUMO

Abordando o aspecto educacional, a presente pesquisa visa à exploração do discurso humorístico, inserindo-o, em sala de aula, tanto como objeto de leitura, quanto de produção textual. No processo de leitura analisam-se quais aspectos lingüísticos, contextuais e intertextuais responsáveis pela construção de sentido(s) de um texto humorístico são compreendidos pelo aluno. Em relação à produção textual, é analisado o modo como o aluno seleciona e relaciona mecanismos lingüísticos e extralingüísticos para se chegar ao efeito de sentido intencionado. Como aporte teórico à análise, a pesquisa está baseada nas considerações acerca do humor como objeto de estudo lingüístico encontradas em Raskin (1985), Travaglia (1990) e Possenti (1991). Assumindo linguagem em uma perspectiva interacional, Bakhtin (1981), e buscando conceitos em estudos da área textual e discursiva, assumem-se neste trabalho as definições de textualidade e intertextualidade em Koch (1997) e os conceitos de gêneros discursivos/textuais em Furlanetto (1996) e Meurer (2000). O trabalho, realizado com duas classes de segunda série do ensino médio, revela que ler e produzir alguns dos gêneros do discurso humorístico - chiste, crônica e charge - leva o aluno à percepção de importantes aspectos da língua e à reflexão sobre as funções dessa modalidade discursiva na sociedade.

## ABSTRACT

Working with the educational aspect, this research aims to explore the humorous discourse, introducing it in classroom as a reading subject and also as textual production. During the reading process, we analyse which contextual and intertextual linguistic aspects responsible for the construction of meaning in humorous texts are understood by the student. Relating to textual production, it is analysed how the student selects and relates linguistic and extralinguistic mechanisms in order to reach the intentioned effect of sense. As theoretical support to the analysis, the research is based on considerations about humor as a linguistic subject found in Raskin (1985), Travaglia (1990) and Possenti (1991). Approaching language from an interactive perspective, Bakhtin (1981) and searching concepts in studies within textual and discursive areas, we assume in this work the definitions of textuality and intertextuality in Koch (1997) and also concepts of types and discursive genres in Furlanetto (1996) and Meurer (2000). The investigation, developed with two groups of Brazilian secondary-school students, reveals that reading and producing some of the genres of humorous discourse – joke, chronicle and comic strip – leads the student to the perception of important language aspects and to the reflection about the functions of this discursive modality in our society.

## INTRODUÇÃO

Pensar em uma pesquisa em Lingüística Aplicada na perspectiva textual requer pensar em que aspecto o ensino de língua portuguesa deve ser aprimorado. Assumindo que o objetivo desse ensino é levar o aluno a “perceber a língua como instrumento de interação social” (Koch, 1999), é preciso, portanto, torná-lo apto a *compreender, analisar, interpretar e produzir* textos.

Logo, para que sejam trabalhados os processos de **leitura** e de **produção** de textos, faz-se necessário desenvolver nos alunos, além dos conhecimentos lingüísticos e contextuais, o conhecimento das várias modalidades discursivas e a situação em que cada uma se estabelece, bem como o conhecimento dos vários gêneros nos quais pode se manifestar cada discurso. Segundo Meurer (2000), o aprendizado da língua deve ser visto também como o desenvolvimento da “competência no uso de um número crescente de gêneros textuais”.

Isso reflete uma das inúmeras problemáticas do ensino de produção textual, que não explora devidamente e com igual importância as modalidades com as quais os alunos, na condição de leitores, podem se deparar e que, enquanto autores, são capazes de produzir. Então, é importante salientar uma colocação feita por Furlanetto (1996), que pesquisa tipos e gêneros discursivos dentro de uma produção textual:

*Ainda se privilegia o trabalho de produção textual com base na tipologia tradicional, e não - como imagino que seria adequado, congruente com os próprios objetivos de ensino - em gêneros historicamente constituídos, os quais circulam na sociedade imediata e mediata dos estudantes (e, por extensão, dos sujeitos). (Furlanetto, 1996:01)*

Entre tais gêneros que, segundo a autora citada, circulam na sociedade, são selecionados para tema deste trabalho algumas crônicas, charges e chistes - as principais formas de manifestação do discurso humorístico.

O **humor**, historicamente, é manifestado de diferentes formas e divulgado por diferentes vias de acesso ao público, como: rádio, TV, cinema, jornal e através da conversação informal e diária dos falantes. Hoje, a situação não é diferente e, observando a quantidade de programas humorísticos exibidos pelas diversas emissoras de TV, pode-se afirmar que o humor, independentemente de como é construído e do enfoque social do qual se utiliza, tem sido um dos meios de se atingir a audiência desejada. Diante disso, não há como negar que o discurso humorístico está presente também no cotidiano dos alunos.

Para fins práticos da pesquisa, os textos selecionados para leitura são publicados em jornais e revistas, dando assim prioridade à linguagem escrita em relação à oral. No entanto, mesmo sendo em sua maior parte verbal, o humor impresso, às vezes, utiliza-se também de imagens, fato que será considerado na análise.

Assim, com a hipótese de que os alunos são capazes de perceber os mecanismos de elaboração de textos humorísticos, diferenciando-os dos demais, e de que esse tipo de trabalho pode aprimorar a atuação do aluno como sujeito leitor e produtor de texto, proponho a inserção dessa modalidade discursiva que, embora não seja nova, ainda não tem sido muito explorada no ensino de leitura e produção textual.

Os objetivos para a realização deste trabalho são:

a) analisar como os alunos recebem a proposta de um novo trabalho de leitura e produção textual, que tem como objeto um diferente discurso: o humorístico;

b) verificar qual ou quais leituras o público adolescente consegue fazer do discurso humorístico através dos textos que lhe são apresentados, destacando a percepção desses leitores em relação aos aspectos lingüísticos e extralingüísticos presentes na elaboração textual do humor;

c) verificar a capacidade de criação de textos humorísticos, pelo mesmo público leitor, tanto no aspecto da relação humor/sociedade, quanto no trabalho de utilização dos recursos lingüísticos, já que esses são textos produzidos com uma certa “sofisticação” lingüística.

Esta dissertação é dividida em quatro capítulos, que contêm as seguintes finalidades:

O **primeiro capítulo** apresenta alguns estudos teóricos sobre o humor, bem como definições de alguns termos referentes ao estudo da linguagem sob perspectiva textual e discursiva. No **segundo capítulo**, há uma breve exposição da metodologia utilizada durante o trabalho desenvolvido em sala de aula. O **capítulo terceiro** contém a análise da atividade de leitura de textos humorísticos realizada com as duas turmas participantes da pesquisa. Finalmente, o **quarto capítulo** é destinado à análise dos textos humorísticos produzidos pelos próprios alunos. Na **conclusão**, retomam-se alguns aspectos relevantes dos resultados obtidos nas práticas de leitura e produção de textos humorísticos, salientando a importância de serem utilizados os gêneros desse discurso como recurso didático ao ensino de língua portuguesa.

## CAPÍTULO I

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1.1 Considerações sobre o humor

Como esta pesquisa tem por objetivo levar para a sala de aula uma proposta de trabalho que envolve leitura e produção do texto/discurso humorístico, faz-se necessária uma breve exposição sobre como o humor foi e tem sido tratado enquanto objeto de estudo.

Uma vez que os pesquisadores nesta área são psicólogos em sua maioria, em Raskin (1985) encontra-se a apresentação de três grandes classes para as teorias do humor, baseadas na Psicologia:

1. Cognitivo sensorial: relacionada à incongruência (contradição);
2. Sócio-behaviorista: relacionada à depreciação e
3. Psicoanalítica: relacionada ao trabalho com relaxamento.

A maioria dos pesquisadores que trabalha a **incongruência** considera dois momentos: a **percepção** e a resolução. O elemento **surpresa** é vital para as piadas. É muito importante que a surpresa seja liberada em um momento decisivo (**punch line**).

Koestler (*apud* Pinker, 1998), ao estudar o humor dentro desse enfoque cognitivo, propõe como elementos causadores de chistes (piadas) os três seguintes ingredientes: incongruência, resolução e indignidade. Segundo o autor, o humor “começa com uma linha de pensamento em um referencial que se choca com uma anomalia” (p.575). Nesse caso, entende-se por anomalia um evento ou uma afirmação que não faz sentido em relação ao contexto

anterior. Assim, resolve-se a anomalia mudando para um referencial alternativo, em que o evento faça sentido.

Já a teoria **sócio-behaviorista** considera as abordagens do humor caracterizadas pela hostilidade, superioridade, malícia, agressão, derrisão ou depreciação. Baseia-se em Platão, Aristóteles, Cícero e Hegel, os quais acreditavam que o riso era provocado pela comédia, pelo feio, pelo ridículo. Para Freud, rir dos defeitos alheios significa que há hostilidade na base humor/sentimento de superioridade. Essa teoria também é trabalhada pela pesquisa psicológica contemporânea, sob o nome de Teoria de Depreciação.

Em relação à abordagem psicanalítica, a mais conhecida **teoria do relaxamento** é proposta por Freud. Para ele, o riso causa alívio para o nervosismo mental e/ou para a energia física e assim assegura a homeostasis depois de uma luta, tensão, stress. Esse alívio pode ser estudado fisiologicamente.

Além disso, Freud admite que o humor depende de um background fixo de crenças, atitudes e comportamentos convencionais. Já que o humor é um fenômeno cultural e histórico, não pode ser considerado apenas um caso de conteúdo, pois os elementos como forma, estilo, estrutura e convenção revelam valores, crenças e interesses.

Resumindo, as três categorias caracterizam o fenômeno complexo do humor de ângulos muito diferentes (descritos abaixo), porém não entram em contradição:

1. incongruidade: estímulo;
2. superioridade: relações ou atitudes entre o locutor e o interlocutor e
3. relaxamento: sentimentos apenas do interlocutor.

Além de seu trabalho com a teoria do relaxamento, Freud, pesquisando vários autores que escreveram sobre humor, propõe-se a elencar algumas definições para o termo “chistes”; entre elas, destacam-se:

1. Um chiste é algo cômico de um ponto de vista inteiramente subjetivo, isto é, algo que nós produzimos, que se liga a nossa atitude como tal, e diante do qual mantemos sempre uma relação de sujeito. (Lipps, *apud* Freud, 1977:21)
2. Um chiste é qualquer evocação consciente e bem sucedida do que seja cômico. (*ibid.*, 22)
3. Um chiste é um juízo lúdico. (Fischer, *apud* Freud, 1977:23)



4. Um chiste é a habilidade de fundir, com surpreendente rapidez, várias idéias.

(*ibid.*, 23)

5. Um chiste é a conexão ou a ligação arbitrária, através de uma associação verbal, de duas idéias, que de algum modo contrastam entre si. (Kraepelin, *apud* Freud, 1977:24)

Após expor de forma sintética suas leituras sobre o tema, Freud não discorda das definições encontradas, porém, revela-se insatisfeito, ao afirmar: “Necessitamos que além disso, nos digam se um chiste deve satisfazer a todos esses determinantes para que seja propriamente um chiste, ou se precisa satisfazer a apenas alguns.” (1977:27)

Portanto, o autor passa a estudar as técnicas utilizadas na construção dos chistes e propõe uma lista de classificação e exemplificação dos mecanismos responsáveis pela construção desse tipo de texto, tais como:

*Condensação:* abreviação que produz economia.

“Ceci é boa e **PERIgosa**.”

*Uso múltiplo do mesmo material:* duplo uso de uma palavra, frase ou parte da frase.

“Em matéria de combate à seca, a União Soviética está bem .  
Por quê?  
Porque enquanto o Ronald **Rega**, o Gorba **Chove**.”

*Duplo sentido:* dois ou mais sentidos para o mesmo termo ou expressão – literal X metafórico.

“Entre outras duas amigas.  
Pois é, Rogéria, eu agora só dou pra ricaço.  
Que bobagem querida, quem dá aos pobres empresta a Deus.”

*Deslocamento:* desvio do curso do pensamento, dando ênfase para outro tópico que não seja o de abertura.

“Chega o japonês no bar com três garotas e pede:  
Me dá uma coca-cola.  
Família?  
Non, tudo puta mesmo, né?”

*Absurdo ou nonsense:* sentido na revelação de algo desconcertante e absurdo.

“Joaquim, quando eu tiver pegado no sono, faça o favor de vir apagar a luz.  
Pois não, patrão! É só o senhoire tocare a campainha e eu virei correndo.”

*Representação indireta*

*e alusão:* substituição por algo vinculado a uma conexão conceitual através de associações e inferências.

“Para meio entendedor, nem uma boa palavra basta.”

Em Raskin (1985), também há uma breve pesquisa da literatura referente ao humor em seus vários aspectos e uma prévia conclusão de que aquilo que é engraçado para um grupo não é para outro, mas a habilidade de se apreciar o humor e se divertir é universal. Segundo ele, os fatores que contribuem para um ato de humor são:

- **participação** dos seres humanos no ato (locutor/interlocutor);
- **estímulo** que deve ser apresentado e correspondido como condição necessária e suficiente para o humor;
- **experiência** de vida das pessoas, que é importante fator para o riso;
- **fator psicológico**, ou seja, o grau de predisposição individual ao humor;
- **contexto situacional**, que determina a significação semântica da piada verbal e
- **papel da sociedade**, pois o humor é compartilhado por membros de um determinado grupo social, dentro de uma certa cultura, com seus valores, crenças e normas.

A crítica feita pelo autor é que o humor sempre foi estudado do ponto de vista psicológico ou sociológico. Por isso, é um campo freqüentado por inúmeros estudiosos com pouco conhecimento sobre lingüística e algum preconceito contra ela. Para ele, todas as áreas são equivocadas sobre a contribuição que a Lingüística pode dar ao estudo do humor. Isso porque a Lingüística a que recorrem é a da palavra e a da frase, o que realmente pouco pode contribuir para o estudo do humor.

Assim, Raskin chama a atenção sobre os campos teóricos na Lingüística, nos quais o humor pode ser trabalhado. Considera que as duas disciplinas mais importantes para o estudo do humor seriam a *Semântica* e a *Pragmática*, lidando com conceitos tais como

pressuposições, implicações e implicaturas, atos de fala, inferências, estratégias conversacionais e mundos possíveis.

Raskin apresenta uma teoria semântica do humor baseada em **scripts**, feixes estruturados e formalizados de informação semântica inter-relacionada. Propõe duas hipóteses para caracterizar o texto humorístico:

- a) o texto é compatível, em todo ou em partes, com dois scripts diferentes.
- b) Os dois scripts com os quais o texto é compatível são opostos em um sentido especial.

Além disso, o autor distingue dois modos de comunicação: o *confiável* e o *não-confiável*. O primeiro está comprometido com a verdade factual dos enunciados e com a transmissão de informações relevantes. O segundo está ligado à piada. Dessa forma, estabelecem-se as seguintes condições para que um texto seja humorístico:

- a) o modo de comunicação confiável mudar para o modo não-confiável;
- b) o texto ser intencionalmente humorístico;
- c) os dois scripts serem parcialmente sobrepostos e compatíveis com o texto;
- d) haver relação de oposição entre os dois scripts;
- e) gatilho, óbvio ou implícito, ser o responsável pela mudança de um script para o outro.

Outro problema apresentado por Raskin diz respeito ao fato de o humor ter desafiado pesquisadores através dos anos e ter gerado um grande número de definições incompletas, imprecisas e soltas. Desse modo, obteve-se uma terminologia caótica criada pelo uso dos termos: humor, risada, o cômico, o lúdico, o engraçado, a piada, a graça. Os autores utilizam os mesmos termos e oferecem uma taxonomia do humor baseada nas diferenças entre os termos. No entanto, não há consenso entre os pesquisadores sobre a terminologia em questão. Na tentativa de se buscar uma solução para o problema apresentado, o autor propõe a seguinte classificação para os *tipos de humor*:

- **gracejo**: observação inteligente relativa a uma pessoa ou coisa;
- **epigrama**: é um gracejo referente a um grupo de pessoas ou coisas;
- **tirada**: forma definida de diálogo cômico.

- **piadas e anedotas:** histórias curtas e engraçadas. As piadas referem-se ao lado humorístico de uma situação. Já as anedotas ilustram um ponto moral ou o caráter de uma celebridade.

Travaglia (1990) faz uma retomada dos estudos realizados sobre humor na abordagem histórica, antropológica, sociológica e psicológica e expõe, além do que é proposto por Raskin, outras contribuições da lingüística neste campo, tais como: *Sociolingüística, Análise da Conversação, Lingüística Textual e Análise do Discurso*.

Fazendo um paralelo entre ambos, pode-se dizer que Raskin (1985) propõe que o humor verbal seja visto como um texto, o que requer que se busque descobrir um conjunto de propriedades lingüísticas tais que qualquer texto que as apresente será engraçado (pelo menos para alguém) e todo texto engraçado terá tais propriedades. Travaglia (1990), ao contrário disso, acredita que tais propriedades seriam necessárias para que um texto fosse humorístico, mas provavelmente não suficientes, porque há, além do texto, toda uma situação que se toma como humorística e que cria também condições necessárias à existência do humor, para que se veja algo como objeto de riso e não, por exemplo, como objeto de pena ou revolta.

Outro autor que tem se dedicado ao estudo do humor, através de análises lingüísticas de piadas e, conseqüentemente, tem contribuído com algumas publicações na área é Possenti e suas idéias devem ser vistas não como uma retrospectiva, mas como uma prospectiva a esses estudos. Possenti (1991) afirma ser o humor um campo de interesse para a lingüística, no sentido de que é uma área onde se pode fazer boa pesquisa fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, sociolingüística e até de pragmática discursiva. Para o autor, não há, no Brasil, uma lingüística do humor, pelo menos nos seguintes sentidos:

- a) uma lingüística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz um texto ser humorístico do ponto de vista da língua;
- b) se se concluir que o humor não é da ordem da língua, uma lingüística que explicita quais são os ingredientes das línguas que são acionados para que o humor se produza e
- c) uma lingüística que proponha uma tese sobre se os mecanismos utilizados com função humorística têm exclusivamente esta função ou se se trata de um agenciamento circunstancial e um conjunto de fatores, cada um deles podendo ser responsável pela produção de um outro tipo de efeito de sentido em outras circunstâncias. (p.492)

Um dos recentes trabalhos sobre o discurso humorístico é a dissertação de mestrado de Perotti (1995), na qual a autora, com o objetivo de analisar o humor político, propõe-se a fazer, previamente, uma classificação para os tipos de humor, baseada em critérios estabelecidos. Assim, pelo caráter formal, os textos se classificam em *chistes (piadas)*, *cartuns*, *charges*, *tiras*, *quadrinhos* e *crônicas*.

Um segundo tipo de classificação é a que tem como base o critério temático, segundo o qual os textos são denominados humor *racista*, *sexista*, *ecológico*, *futebolístico*, *contraideológico*, *sociológico*, *político*, *sociolingüístico* e *epilingüístico*.

Há também a classificação baseada nos mecanismos lingüísticos presentes na elaboração textual, sendo eles de nível *lexical*, *semântico*, *morfológico*, *fonético-fonológico*, *sintático* e *pictórico*.

E, finalmente, como o humor se faz também pelo desvio do sentido inicial a outro(s), os gatilhos responsáveis por essa ruptura são: *inferência*, *alusão*, *pressuposição*, *esvaziamento*, *preenchimento*, *deslocamento*, *inversão*, *ambigüidade*, *escopo*, *mudança de script* e *ironia*.

Em relação ao critério formal, os textos selecionados neste trabalho para a prática de leitura em sala de aula classificam-se em *chistes*, *charges* e *crônicas*. Já os textos produzidos pelos alunos são *crônicas* ou *charges*. Quanto aos demais critérios, os textos podem situar-se em um ou mais tipos de humor, bem como apresentarem um ou mais mecanismos lingüísticos em seu processo de construção de sentido. Portanto, nos capítulos de análise – terceiro e quarto –, serão classificados mais especificamente os textos utilizados nesta pesquisa, cujo objetivo não é fazer uma reclassificação do humor, mas utilizar-se das já existentes como suporte metodológico para o trabalho prático de leitura e produção dos textos humorísticos.

Desta primeira parte do referencial teórico, pode-se concluir que há um elemento comum entre os autores citados, que é o fato de eles chamarem a atenção – além de outros fatores – para a riqueza lingüística do humor, o que sustenta a proposta: textos humorísticos no ensino de língua portuguesa.

## 1.2 Uma abordagem interacional da linguagem

Pelo fato de esta pesquisa ter como objeto de estudo o discurso humorístico, e todo discurso é concretizado na e pela linguagem, seja esta de natureza verbal ou não, faz-se necessário explicitar que conceito de linguagem é pressuposto no presente trabalho.

*Na perspectiva discursiva a linguagem não é vista apenas como instrumento de comunicação, de transmissão de informação ou como suporte do pensamento: linguagem é interação, um modo de ação social. Nesse sentido, é lugar de conflito, de controle ideológico em que a significação se apresenta em toda sua complexidade. Estudar linguagem é abarcá-la nessa complexidade, é apreender o seu funcionamento que envolve não só mecanismos lingüísticos, mas também 'extralingüísticos'. (Brandão, 1996:91)*

Assumir o conceito de linguagem nessa perspectiva discursiva implica que se faça uma retomada a Bakhtin que, com sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada originalmente em 1929, antecipa e influencia orientações teóricas para os estudos atuais de texto e discurso, mesmo sendo eles realizados sob perspectivas diferentes.

Bakhtin (1981) refere-se ao termo “palavra”, enfatizando o papel que ela exerce nas transformações sociais, pois, segundo o autor, toda palavra é capaz de apontar mudanças que ainda não tomaram forma no mundo real.

*As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (p.41)*

Para o autor, os locutores vêem a linguagem, em seu uso pragmático, como um conjunto de contextos possíveis de uso de cada forma particular. Assim, a palavra deixa de ser um item de dicionário e passa a ser parte constituinte das mais diversas enunciações de diferentes locutores em situações específicas. E, se assim se apresentam as formas lingüísticas, dentro de um contexto de enunciações precisas, isso implica contexto ideológico preciso. Logo, ao prosseguir suas reflexões sobre a importância da palavra, afirma:

*Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (p.95)*

Fazendo uma abordagem sobre enunciação, Bakhtin chama a atenção para o fato de que toda enunciação é resposta a algo, até mesmo a enunciação monológica, como uma inscrição, pois esta, quando produzida por alguém, tem o propósito de ser compreendida. Assim, tem-se a seguinte definição:

*A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. (p.112)*

Outros pontos importantes a serem destacados da leitura de Bakhtin são a concepção de texto (ou discurso) e a perspectiva dialógica. O texto, apresentado como objeto das ciências humanas é algo “que significa, é produto da criação ideológica ou de uma enunciação” e é dialógico, pois define-se pelo diálogo entre interlocutores e com outros textos. E, referindo-se ao termo dialógico, o autor propõe uma redefinição, obtendo-se, então, um novo conceito:

*O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, e verdade que das mais importantes da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (p.123)*

### 1.3 Tipos e Gêneros textuais

Na introdução deste trabalho é colocada a necessidade de serem trabalhados, em sala de aula, os diversos gêneros do discurso e ficam delimitados quais entre eles são selecionados para a realização prática da pesquisa. Logo, passo a expor a definição dada por alguns autores ao termo *gênero*.

Em *Estética da criação verbal* (1992), Bakhtin propõe uma reflexão sobre os gêneros discursivos, que é a denominação dada por ele aos tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados em cada esfera da utilização da língua. O que justifica tal estudo, para o autor, é o fato de os gêneros serem dotados de uma infinita riqueza e diversidade, em função de ser a atividade humana uma atividade inesgotável.

Por outro lado, essa diversidade também pode ser um dos motivos da rejeição ao estudo dos gêneros do discurso, devido à dificuldade em organizar dentro do mesmo campo de análise fenômenos tão diferentes. Entretanto, mesmo havendo dificuldade em relação à definição dos enunciados, a heterogeneidade dos gêneros, segundo Bakhtin, não deve ser minimizada.

Furlanetto (1996) denomina de modalidades discursivas os vários discursos existentes na sociedade como *religioso, político, humorístico, poético* etc. e atribui o conceito **gênero** às formas de manifestação desses discursos, como *carta, crônica, bilhete, panfleto* etc. A autora não desconsidera o fato de que os textos são construídos por tipos reguladores como *narração, descrição e argumentação*, mas afirma que um ensino que se restringe à produção desses tipos não é suficiente ao desenvolvimento da produção textual.

Meurer (2000) denomina de modalidade retórica os tipos reguladores do discurso e de **gêneros textuais** a variedade de textos nos quais os discursos se materializam.

*Existem tantos gêneros textuais quantas as situações convencionais onde são usados em suas funções também convencionais. Assim, enquanto as modalidades retóricas podem ser facilmente enumeradas, os gêneros textuais constituem textos de ordem tão variada quanto anúncios, convites, atas, avisos... (p. 151)*

Assim, ao propor um tipo específico de discurso nesta pesquisa, é importante assumir que se faz uma opção por um entre os vários discursos existentes e, além disso, que cada discurso é manifestado em diversos gêneros e não é por acaso que tal diversidade ocorre: “A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve.” (Bakhtin, 1992:291)

## 1.4 A relação texto/discurso

São inúmeros os conceitos para os termos Texto e Discurso, elaborados tanto do ponto de vista da Linguística Textual, quanto da Análise do Discurso.

Koch (1999), ao traçar uma relação entre texto e discurso, afirma que no sentido lato, referem-se a toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, ou melhor, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos. Já em se



tratando da linguagem verbal, em uma situação de comunicação determinada, há o *discurso*, que engloba tanto o conjunto de enunciados produzidos pelos interlocutores, quanto o evento de sua enunciação. E, segundo a autora, a manifestação lingüística desse discurso é o *texto* - em sentido estrito – que consiste em qualquer passagem falada ou escrita, capaz de formar um todo significativo, independente de sua extensão.

Tal correlação entre texto e discurso também é vista em Meurer (1997), que considera o discurso como “conjunto de afirmações que, articuladas através da linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições; o texto é a realização lingüística na qual se manifesta o discurso”. (p.16)

Ainda das leituras dos estudos de Koch destaca-se a seguinte definição:

*Poder-se-ia conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas sócio-culturais.* (Koch, 1997a:22)

Assume-se como suporte teórico à análise tal conceito, tendo em vista o aspecto da intencionalidade presente na seleção de elementos que compõem o texto, bem como seu caráter interacional. Entretanto, cabe ressaltar que neste trabalho também são analisados textos *não verbais*, o que amplia a definição dada por Koch, que faz referência ao texto como *manifestação verbal*.

A **intencionalidade** é, segundo a autora, também um fator relevante no processo de leitura de um texto, pois da apreensão daquilo que é intencional depende a compreensão do mesmo. Isso se explica pela razão de as intenções do falante poderem ser as mais variadas possíveis, o que atribui a cada enunciação uma multiplicidade de significações. Então, para chegar a tais significados, o interlocutor (ouvinte/leitor) deve apreender as intenções **marcadas lingüisticamente** no enunciados do falante.

Quando a autora se refere aos termos intenção e intencionalidade, ela faz referência a uma noção que não tem realidade psicológica, pois é lingüisticamente constituída. Assim,

*...a intencionalidade se deixa representar de uma certa forma no enunciado, por meio do qual se estabelece entre os interlocutores um jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social. (Koch, 1999:24)*

Buscar um ou vários sentidos em um texto requer a leitura não só daquilo que está explícito, mas também do que está implícito, estabelecendo uma relação entre esses dois níveis. Além disso, o sentido também depende da relação de um texto com outros textos, sejam eles existentes, possíveis ou imaginários.

Considerando essas relações constitutivas do sentido e o conceito de dialogismo já apresentado, fica evidente que os discursos e textos se inter-relacionam, de forma implícita ou explícita, o que me leva, neste momento, a buscar as definições de intertextualidade e polifonia, fenômenos que, como será visto, também se fazem presentes no humor.

## 1.5 Intertextualidade e polifonia

Segundo Koch (1997a), a intertextualidade em sentido amplo, condição de existência do próprio discurso, pode ser aproximada do que, sob a perspectiva da Análise do Discurso, denomina-se interdiscursividade. Pêcheux (1990) chama a atenção para este fato:

*Assim, tal discurso remete a outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele 'orquestra' os termos principais, ou anula os argumentos. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio... (p. 77).*

Por outro lado, a intertextualidade em sentido restrito, para Koch (1997a), é “a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos”. (p.48)

Quanto á polifonia, esta se refere à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro. Traçando um paralelo entre intertextualidade e polifonia, Koch (1997a) conclui que não há coincidência total entre os dois conceitos. Para a autora:

*O conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, isto é, todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade. (p.57)*

## 1.6 Conceituando ideologia

Se as ideologias são notadamente expressas, legitimadas e reproduzidas na linguagem e o limiar entre o lingüístico e o ideológico é o discurso, é crucial analisar o discurso humorístico com um olhar investigativo, tentando *interpretar* aquilo que pode estar *implícito* em sua manifestação. Cabe também verificar se esse tipo de discurso tem intenção de conscientizar o leitor sobre as idéias que lhe são impostas ou se simplesmente as reproduz.

Para que tais questões sejam abordadas, torna-se relevante conceituar ideologia. Assim, das reflexões feitas em Chauí (1984), destaca-se:

*...a ideologia consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias) (p.95).*

O que faz a autora chegar a tal definição é o fato de ela ter seguido a teoria marxista. Na concepção de Marx, fazer referência ao termo ideologia é fazer uma referência específica à ideologia da classe dominante, já que sua teoria tem como base a crítica ao sistema capitalista. Portanto, Chauí, assumindo como pressuposto tal concepção para o termo, afirma que a organização ideológica se faz por

*...um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem fazer e como devem fazer. (1984:113)*

Buscando o conceito de ideologia em outros autores, encontra-se uma definição mais ampla e genérica para o termo. Segundo Ricouer (apud Brandão, 1996), também fazem parte do processo ideológico a função de dominação e a função de deformação, mas o autor estende o seu conceito. Desse modo, a ideologia é vista como uma concepção de mundo de uma determinada comunidade social em uma circunstância histórica específica.

Lembrando que é na linguagem que a ideologia se materializa, pode-se concluir, com base nesse conceito amplo, que não há apenas um discurso ideológico - o da elite -, mas todos os discursos o são. Portanto, ao se pensar que o discurso humorístico possa estar criticamente apontando a ideologia da classe dominante, deve se pensar que esse mesmo discurso também veicula e reproduz sua própria ideologia.

Como já visto anteriormente, o trabalho visa tanto à análise da produção textual dos alunos quanto à leitura que eles fazem do humor. Então, uma vez definidos, até o momento, conceitos básicos como linguagem, texto, discurso, gêneros, intertextualidade e polifonia, torna-se necessário, nas próximas seções, especificar os pressupostos teóricos em relação aos processos de leitura e escrita, mesmo sabendo que o texto humorístico tem suas especificidades.

## **1.7 O Processo de Leitura**

Esclareço, inicialmente, que neste trabalho a referência feita à leitura não é no sentido de aprendizagem, ligada à alfabetização, mas leitura, em um sentido mais amplo, como atribuição de sentidos.

Orlandi (1999) afirma que, quando se assume uma perspectiva discursiva em relação à leitura, deve-se assumir a complexidade do ato de ler, o qual é um processo que envolve habilidades além das que se resolvem no imediatismo. Tal processo, contrariando as expectativas da escola, que propõe uma leitura homogênea, requer um trabalho individualizado, que permita ao aluno "...trabalhar sua própria história de leituras, assim como a história das leituras dos textos e a história da sua relação com a escola e com o conhecimento legítimo." (p. 37)

Assim, adotando essa perspectiva de leitura, não se pode mais considerá-la um simples ato de decodificação de um produto pronto, mas sim um processo de significação e constituição do texto.

Além disso, diante de uma proposta na qual se pretende trabalhar a leitura, não se deve perder de vista o perfil do leitor participante da pesquisa. Na realidade, eles são sujeitos que, apesar dos inúmeros conhecimentos partilhados pelo grupo, possuem histórias específicas

de leitura. Logo, ainda fazendo referência a Orlandi (1999), a autora afirma que na realização de qualquer atividade de leitura, alguns fatos se impõem, tais como:

- *a possibilidade de trabalhar a leitura;*
- *o processo de instauração de sentidos que está presente tanto na escrita quanto na leitura;*
- *as especificidades e a história do sujeito-leitor;*
- *os variados modos de leitura;*
- *os modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social e, finalmente,*
- *o fato de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente.*

Tal concepção de leitura tem um enfoque discursivo, o que será considerado na análise realizada posteriormente. Entretanto, é uma concepção das relações existentes no processo de leitura de uma maneira geral, ou seja, sem delimitação do objeto a ser lido, como um discurso ou um gênero específico.

Neste trabalho, os textos cujas leituras são propostas têm algum tipo de especificidade, particularidades, que os fazem humorísticos, diferenciando-os daqueles que não fazem parte do universo do humor.

Em Possenti (1988), há uma relevante reflexão sobre o problema da leitura adequada para os textos de humor. Segundo o autor, há duas propostas extremas sobre interpretação:

- a) a de um texto unívoco e explícito que não demande por parte do leitor nenhuma atividade cooperativa, apenas seu conhecimento lingüístico;*
- b) a de que o leitor pode impor a qualquer texto, qualquer interpretação.*

No entanto, uma posição racional é aquela que propõe que há textos de variada natureza, cada um deles, ou cada tipo – se se conseguir demonstrar que há um certo número de textos que partilham de características comuns – exigindo o acionamento de diversos fatores, uns lingüísticos e outros contextuais.

Referindo-se especificamente a textos de humor, o autor se posiciona, afirmando

que textos humorísticos não são abertos, pelo contrário, eles impõem ao leitor uma só leitura, pois são textos que fornecem a possibilidade de controle. Essa possibilidade de controle é, no caso, a apreensão do efeito de humor; se tal efeito não se produz, pode-se ter razoável certeza de que o texto não foi interpretado.

Assim, o autor prevê uma possível contra-argumentação para suas idéias e se justifica ao dizer que:

*Argumentar que um texto impõe a seus leitores uma leitura única sob pena de não entenderem sua razão de ser não é a mesma coisa que dizer que o leitor é um receptor passivo de um texto, diante do qual só lhe resta uma mera decodificação, isto é, o agenciamento puro e simples de seu reconhecimento lingüístico. (p.116)*

E, após análises de inúmeras piadas, ele pode afirmar que o que ocorre é exatamente o contrário, pois “textos humorísticos têm sua própria estratégia de imposição de leitura, que consiste basicamente em acrescentar ao leitor diversas possibilidades para em seguida impedir-lhe algumas.” (p.116)

Em seu artigo intitulado *Um cérebro para a linguagem* (1992), Possenti problematiza, também através da leitura de textos humorísticos, a diferença entre os processos de compreensão daqueles que envolvem interpretação. Esse questionamento é importante, pois, muitas vezes, o leitor entende uma piada que parece tão trivial, mas não percebe quantas manobras pragmáticas são feitas para se chegar a tal entendimento. Isso significa que o funcionamento gramatical da língua não é suficiente para o funcionamento da linguagem e, por outro lado, esta também não funciona sem aquele.

Atingir o nível da compreensão não requer, necessariamente, que se chegue ao nível da interpretação, que vem a ser um conjunto de relações e associações entre o texto lido e as experiências do leitor. Segundo o autor, para rir de uma piada é preciso “*que seja compreendida, mesmo que não se chegue, conscientemente, a perceber que discurso ela veicula*” (p.82), embora o objetivo desta pesquisa seja tanto a compreensão quanto a interpretação dos textos por parte dos alunos.

## 1.8 O processo de escrita

Da mesma forma como se espera que os alunos compreendam e interpretem os textos que lhes são apresentados durante uma aula destinada à leitura, há uma expectativa por parte do professor de que seus alunos sejam capazes de produzir “bons” textos. A questão que se coloca aqui é: que aspectos devem ser trabalhados para a elaboração de um “bom” texto.

Na introdução deste trabalho, afirma-se a necessidade de o ensino de língua portuguesa desenvolver no aluno conhecimentos lingüísticos, contextuais e também o conhecimento das modalidades discursivas e seus respectivos gêneros.

Em relação ao conhecimento lingüístico, deve ser trabalhada a utilização adequada das regras gramaticais da língua e dos elementos responsáveis pela coesão do texto, bem como a seleção lexical pertinente ao sentido que se pretende construir. O conhecimento contextual corresponde ao conhecimento de mundo ou como classificado por Heinemann & Viehweger (*apud* Koch, 1997a), conhecimento enciclopédico. Para os autores, esse é o conhecimento que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, “quer se trate de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), quer do tipo episódico (os modelos cognitivos socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência” (p.27).

Assim, o que **tradicionalmente** é esperado de uma proposta de produção textual é que o aluno ordene, através do uso adequado das regras da língua, o seu “conhecimento de mundo” a fim de desenvolver determinado tema. No entanto, a produção fica limitada a um número reduzido de textos, os chamados textos escolares. Para ampliar o trabalho de escrita, devem ser considerados os diversos gêneros para que os alunos sejam capazes de produzi-los, reconhecendo a função de cada um deles no processo de interação pela linguagem, pois “os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais e sua própria vida são em grande parte determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e ‘consomem’” (Meurer, 2000:152).

Como a proposta de produção textual nesta pesquisa especifica os gêneros que os alunos devem produzir - crônica ou charge -, e, no caso da crônica, há uma coletânea a ser lida como ponto de partida para a produção do texto, espera-se que o aluno trabalhe as especificidades exigidas por esses gêneros, tanto no seu aspecto formal quanto temático.

Por se tratarem de textos humorísticos, não será colocado aqui um modelo teórico de processamento textual, pois o humor, muitas vezes, foge às regras do que é previsto como coerente e coeso em um texto. Vale somente dizer que alguns aspectos devem ser considerados no momento de elaboração do texto humorístico, como:

a) A possibilidade de serem trabalhados diversos recursos da língua nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, especialmente em relação aos vários sentidos dos termos, visto que, muitas vezes, o humor se faz pela tentativa de aproximação de alguns sentidos incompatíveis em textos não humorísticos. No caso das charges, a possibilidade de se construírem sentidos através da linguagem não-verbal.

b) A necessidade de trazer à tona conhecimento do contexto ao qual o texto se refere, pois valem como tema às crônicas as questões cotidianas e às charges, as questões políticas e sociais.

Finalizando este primeiro capítulo, o que deve ficar claro é que o que fora exposto até o momento são as perspectivas teóricas assumidas ao se propor um trabalho prático de leitura e produção textual. Assim, acredito que os textos selecionados para leitura e os textos produzidos pelos alunos devam apresentar as características textuais e discursivas levantadas neste capítulo, bem como também devam ser elaborados pelos mecanismos lingüísticos e extralingüísticos descritos pelos autores mencionados.



## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA

#### 2.1 Caracterização do estudo

Magda Soares, em seu artigo intitulado *Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas*, faz uma breve comparação entre a pesquisa convencional e a não-convencional e, entre os elementos por ela selecionados como parâmetro para tal exposição comparativa estão os papéis do locutor e do interlocutor em cada tipo de pesquisa.

Na pesquisa convencional, o locutor não é o pesquisador, mas sim os dados e o interlocutor são os pares do pesquisador, isto é, a comunidade científica. Já a pesquisa não-convencional, que nega a possibilidade de neutralidade e de objetividade, admite o pesquisador como locutor, assim, os interlocutores são os próprios pesquisados, como afirma a autora:

*...quem fala, quem revela, somos 'eu' e 'você'; não propriamente 'nós', mas o 'eu', pesquisador, junto com o 'você', pesquisados, produzindo juntos o conhecimento. (1999:125)*

A pesquisa aqui apresentada enquadra-se no não-convencional, pois, pela característica do objeto e dos objetivos deste estudo, ou seja, a leitura e produção de textos humorísticos em sala de aula, e pelo fato de tal proposta ser inovadora para os alunos com os quais o trabalho é realizado, é ilusório pensar a possibilidade de não intervenção por parte do pesquisador.

Afirmo isso, pois, enquanto pesquisadora, sou responsável pela seleção dos textos a serem lidos e analisados pelos alunos e também pela coordenação das aulas, direcionando a leitura, a discussão e a própria produção textual, o que será relatado passo a passo. Dessa forma, todo o processo constitutivo deste trabalho assume um perfil metodológico denominado de pesquisa-ação que, segundo André (1999), faz-se pelo processo de controle sistemático da própria ação do pesquisador, ou como um estudo que envolve alguma forma de intervenção.

Também pode o trabalho ser classificado como pesquisa-participante, definida por Veiga (1985) como:

*... alternativa epistemológica na qual pesquisadores e pesquisados seriam sujeitos ativos da produção do conhecimento. (apud Noronha, 1999:139)*

## 2.2 Definição de turmas e aulas

O trabalho em sala de aula foi realizado em dois diferentes momentos no Colégio Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

No período de outubro a novembro de 1999, trabalhei com a segunda série A do ensino médio, composta de vinte e cinco alunos, que será aqui denominada de turma I. Já o segundo momento ocorreu em maio de 2000, novamente com a segunda série A do ensino médio, formada por vinte e três alunos, denominada de turma II.

O meu primeiro contato com o Colégio Aplicação foi com a profissional responsável pela coordenadoria de estágios em 1999, através de uma reunião na qual expus o anteprojeto de dissertação de mestrado e expliquei a necessidade de atuação em sala de aula.

Após um levantamento dos estágios na disciplina de língua portuguesa nas classes do ensino médio, a coordenadora me ofereceu aulas na segunda série A, por ser essa a única classe, na época, sem a presença de estagiário.

Resolvido com quais alunos trabalharia, houve uma segunda reunião com a presença da professora responsável pela disciplina de língua portuguesa que, expondo-me todos os problemas que ela enfrentava em relação a cumprimento de conteúdo e calendário, só

poderia oferecer-me seis aulas, divididas em três encontros de duas aulas cada. Assim, tanto os alunos quanto o número de aulas foram definidos a partir da disponibilidade da escola e não da necessidade da pesquisa, realidade que já previra quando me propus a procurar o Colégio Aplicação. Certamente, as mesmas ou até outras dificuldades ocorreriam caso fosse a outras escolas.

Ao conversar com a professora sobre a continuidade no trabalho, ficou combinado que eu retornaria ao colégio no primeiro semestre de 2000, quando seria possível obter um número maior de aulas e trabalharia com os mesmos alunos que estariam, então, na terceira série do ensino médio. No entanto, com a finalização do ano letivo, surgiram fatos novos que exigiram um redimensionamento da pesquisa.

Quando contatei novamente o colégio, em março de 2000, informaram-me que houve mudança tanto na coordenadoria de estágios, quanto no corpo docente de língua portuguesa, fato que me fez reiniciar todo o processo, pois precisei explicar e justificar o projeto em reunião com dois novos professores.

Apesar de ter mostrado interesse pelo projeto, o professor responsável pelas terceiras séries não pôde me ceder as aulas por questões de estágio, vestibular e outros problemas pedagógicos expostos na reunião. Assim, resolvemos que eu assumiria aulas da segunda série A, portanto, em vez de continuar o trabalho com a mesma turma, eu o reiniciaria com novos alunos.

Tal fato implicou modificações, o que revela o caráter flexível do planejamento da pesquisa, tais como:

- a) A necessidade de se realizar uma análise comparativa entre as turmas.
- b) A preocupação com a seleção do material, pois os textos a serem trabalhados com a segunda turma devem ser os mesmos lidos pela primeira, ou, caso sejam outros, devem apresentar o mesmo grau de complexidade formal e temática.

## 2.3 A relação pesquisador/alunos

Apesar de minha presença no colégio ter ocorrido via coordenadoria de estágios, isso não fez os alunos associarem minha pessoa à de um estagiário. Desde o início, fui apresentada à classe como uma mestranda da Área de Linguística Aplicada da UFSC, que iria com eles realizar um projeto e para isso, assumiria seis aulas, cedidas pela professora da disciplina língua portuguesa. A mesma apresentação ocorreu com a turma II em maio de 2000.

Portanto, em ambas as turmas, os alunos nunca me viram nem como estagiária, pois assumi a frente da sala de aula, nem como substituta, já que a professora esteve presente na classe em alguns momentos, na qualidade de ouvinte e observadora. Na verdade, eles compreenderam que se iniciaria ali um trabalho novo, com duração de seis aulas, logo, durante todo o processo, respeitaram-me como se eu fosse oficialmente a professora da disciplina.

Não pretendo, com este relato, diminuir a imagem e o papel do estagiário ou do professor substituto, mas considero importante ressaltar a diferença entre tais posições, pois o meu papel na sala de aula está intrinsecamente ligado à escolha metodológica de pesquisa. Se fosse substituir, daria continuidade ao plano de ensino já estabelecido dentro da disciplina e não estaria fazendo pesquisa. Por outro lado, se fosse estagiar, estaria presenciando ou, no máximo, auxiliando aulas conduzidas por outro profissional. Essa postura de observador do estagiário não seria válida para uma pesquisa-participante, somente em uma pesquisa etnográfica que segundo André (1999),

*...consiste na observação das experiências e vivências dos indivíduos e grupos que participam e constroem o cotidiano escolar. (p.37)*

## 2.4 A escolha do material

Como já dito na Introdução deste trabalho, o discurso humorístico tem uma forte presença no cotidiano dos alunos e, em especial, o humor televisivo. Parece que as emissoras de televisão, que já produzem programas humorísticos há décadas, descobriram que tal gênero é a fórmula do sucesso para atingir audiência e vêm ampliando espaço para tal. Mesmo consciente da influência que esse tipo de humor exerce nos participantes desta pesquisa, selecionei como material de apoio o humor impresso em livros, revistas e jornais, por dois motivos:

- a) Pela praticidade do trabalho, já que o acesso aos textos se obtém apenas com o recurso de fotocópia.
- b) Pelo objetivo da pesquisa, que pretende inserir em sala de aula o discurso humorístico em forma de textos, para que sejam lidos com a mesma seriedade com que se lêem os demais textos tradicionalmente trabalhados na escola.

Assim, o conjunto dos textos selecionados é composto por crônicas e charges publicadas em livros, revistas e jornais, bem como a transcrição de algumas piadas veiculadas oralmente. Os textos originais se encontram em anexo e suas referências estão detalhadas no relato das aulas.

## 2.5 Relato das Atividades com a Turma I

Iniciando as atividades, em 18/10/99, foram entregues textos diversificados aos alunos e foi solicitado aos mesmos que os lessem na sequência escolhida por eles. Faziam parte da coletânea a ser lida a seguinte relação:

Uma relação de nove chistes. **(anexo A)**

A crônica “Pai não entende nada” de Luís Fernando Veríssimo, publicada em *Comédias da Vida Privada*, 26.ed., 1997, p.255. **(anexo B)**

As “minicharges do Jaguar” publicadas na revista *Bundas*, ano 01, n. 05, em 19/07/99, p. 19. **(anexo C)**

A crônica “Uma Ambev estupidamente gelada”, de Ben B. de Paiva, publicada na revista *Bundas*, ano 01, n. 05, em 19/07/99, p. 48. **(anexo D)**

A crônica “Socorro! Deu apagão na Telefonía” de José Simão, publicada no *Caderno Ilustrado* do jornal Folha de São Paulo em 24/03/1999. **(anexo E)**

A intenção do primeiro encontro era perceber qual a reação dos alunos diante de textos humorísticos, observando os seguintes aspectos:

- a) *Qual ou quais textos são selecionados para leitura, em qual sequência isso se realiza e por quê.*
- b) *Qual ou quais textos não são lidos e por quê.*

- c) *Qual a causa da dificuldade, caso haja dificuldades, na compreensão dos textos. O problema está no desconhecimento do contexto a que eles se remetem ou na falta de percepção dos mecanismos lingüísticos neles presentes.*

Os alunos, divididos em cinco grupos de cinco membros cada, realizaram uma discussão oral e uma produção escrita nas quais eles deveriam expressar suas opiniões a respeito das questões acima. Finalizando o primeiro encontro, o posicionamento de cada grupo foi exposto oralmente à classe e entregue por escrito, o que será analisado no capítulo terceiro.

A atividade realizada no segundo momento, ocorrido em 22/10/99, baseia-se em uma análise dos seguintes textos:

“Buemba! A Ford vai lançar trio elétrico na Bahia!” de José Simão, publicado no *Caderno Ilustrada* do jornal Folha de São Paulo, em 24/06/99. **(anexo F)**

“Edilson ganha prêmio: férias na Bahia!” de José Simão, publicado no *Caderno Ilustrada* do jornal Folha de São Paulo, em 25/06/99. **(anexo G)**

“Porteira Aberta” de Samy Wursman, publicado na revista *Bundas*, ano 1, n.12, em 31/08/99, p.28. **(anexo H)**

O primeiro texto de José Simão foi lido em voz alta por alguns alunos que, a cada parágrafo, eram interrompidos para que fosse comentada com eles a maneira como o autor, visando à construção de uma crônica humorística, trabalha os elementos lingüísticos e extralingüísticos. Isso motivou todos a analisarem o tema explorado no texto. Logo em seguida, foi proposto que lessem o segundo texto do mesmo autor (anexo G) e selecionassem um trecho para fazer, por escrito, o mesmo tipo de trabalho feito oralmente com o texto anterior.

Quanto ao texto Porteira Aberta, este foi entregue aos alunos, que o leram silenciosamente e teceram comentários por escrito.

O terceiro e último encontro da primeira fase, ocorrido em 18/11/99, foi reservado à produção textual dos alunos. Diante de três diferentes propostas - uma crônica, um episódio narrativo e uma charge, eles deveriam escolher um tema e produzir um texto humorístico. O gênero piada, inserido na atividade de leitura, não se encontra entre as opções de produção textual, pois tal proposta levaria o aluno a simples transcrição de piadas já

existentes e não à produção de um novo texto. A atividade foi realizada dentro do período de tempo previsto, noventa minutos, o que corresponde a duas aulas consecutivas.

Em princípio, conforme combinado com a coordenação do Colégio, todas as seis aulas seriam consecutivas. Cabe, portanto, uma explicação sobre o intervalo ocorrido entre o segundo e o terceiro encontros, que corresponde a praticamente um mês. O mesmo se deve a duas semanas de paralisação de professores e funcionários, e duas reuniões de pais e mestres ocorridas nos mesmos dias reservados para pesquisa.

## 2.6 Relato das atividades com a Turma II

O período de tempo cedido para realizar o trabalho com a turma II equivale a seis aulas, divididas em três encontros, da mesma forma como ocorreu com a turma I.

A classe se dividiu em cinco grupos: três de cinco alunos e dois grupos de quatro. As mesmas equipes foram mantidas para as atividades desenvolvidas no decorrer das seis aulas.

Em 08/05/00, data do primeiro encontro, os alunos fizeram três atividades:

A primeira é a redação de um breve parágrafo no qual deveria constar a relação deles com o humor cotidiano. Em outras palavras, deveriam responder se lêem textos ou assistem a programas humorísticos.

Logo após, passaram para a segunda atividade que consiste na leitura dos seguintes textos:

Uma relação de nove chistes. **(anexo A)**

A crônica “Pai não entende nada” de Luís Fernando Veríssimo, publicada em *Comédias da vida privada*, 26. ed., 1997, p. 255. **(anexo B)**

Três charges obtidas através de consulta na internet em 30/04/00, no site <http://www.meusonho.com.br/charges>, com as seguintes denominações: FHC – ddd **(anexo I)**, FHC – ddd 2 **(anexo J)** e FHC – mecânico **(anexo L)**.

O objetivo dessa segunda atividade é o de perceber qual a reação dos alunos diante dos textos, em relação à compreensão e interpretação dos mesmos. Após a leitura, eles expuseram de forma oral e escrita suas observações.

Dos nove chistes (anexo A), cinco estavam incompletos, então, os alunos criaram, como exercício de escrita, um final para os textos, encerrando assim, as atividades do primeiro encontro.

No segundo encontro, ocorrido em 11/05/00, foram realizadas a leitura e análise de dois textos:

- 1) A crônica “Ueba! O que Deus criou, só o silicone segura” de José Simão, publicada no *Caderno Ilustrada* do jornal Folha de São Paulo, 05/04/00. **(anexo M)**
- 2) A charge “Charlotte – a emergente” publicada na revista *Bundas*, Ano 1, n. 42, em 04/04/00, p. 42. **(anexo N)**

A leitura foi realizada pelos grupos que, após vinte minutos, expuseram oralmente seus comentários e em seguida, fizeram a atividade escrita, na qual deveriam ser respondidas duas questões:

- a) Qual a crítica implícita no texto de José Simão, quando o autor se refere ao caso do garoto cubano?
- b) Como você pode explicar a charge?

No último encontro, em 15/05/00, os alunos produziram seus próprios textos humorísticos, baseados na escolha das mesmas três propostas indicadas à Turma I: uma crônica, uma breve narrativa ou uma charge.

Do material produzido pelas duas turmas, as opiniões expressas por escrito e oralmente (registro em gravação), são selecionadas e transcritas no corpo do texto do terceiro capítulo. Essa seleção se deve ao fato de os comentários se apresentarem, muitas vezes, de forma repetida, o que levaria à repetição da análise. Já em relação aos textos produzidos pelos próprios alunos, as crônicas são transcritas e as charges reproduzidas através de scanner, inseridas no corpo do texto do quarto capítulo, destinado à análise desses textos.



## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DA ATIVIDADE DE LEITURA

#### Preliminares

O objetivo deste capítulo é analisar o processo de leitura de textos humorísticos ocorrido nas aulas práticas realizadas com as turmas I e II. O objeto de análise é a transcrição do material obtido durante as aulas, do qual fazem parte as respostas a exercícios propostos e as opiniões dos alunos a respeito dos textos, expressas de forma oral e escrita. Quanto à estratégia de análise, esta consiste na verificação dos fatores que possibilitam ou impedem a compreensão do texto; a relação que o leitor faz entre o lingüístico e o extralingüístico e, além disso, a percepção do leitor em relação à intertextualidade explícita e implícita, presentes em alguns dos textos. Este capítulo é composto de três partes: análise da discussão com a turma I, análise da discussão com a turma II e, concluindo, uma comparação entre ambas as turmas.

#### 3.1 Turma I

Em relação à questão proposta inicialmente no primeiro encontro, que se refere às causas da seleção de alguns textos no momento da leitura e exclusão dos demais, todos os grupos demonstram seguir o mesmo caminho: priorizar a leitura dos chistes - termo aqui tomado como piadas (anexo A) - e, em seguida, a crônica *Pai não entende nada* de Luís Fernando Veríssimo (anexo B). Assim, em um primeiro momento de leitura, ignoram as *minicharges do Jaguar* (anexo C) e as crônicas *Uma ambev estupidamente gelada* (anexo D) e *Socorro! Deu apagão na telefonia* (anexo E).

A justificativa por eles apresentada é a atração pelo aspecto visual dos textos, o que, na verdade, deve ser traduzido, segundo suas palavras:

**Lemos os textos mais curtos.**

Logo, parece compreensível o motivo pelo qual as crônicas (anexos D e E) não são lidas, dada a extensão das mesmas.

Essa postura adotada pelos participantes desta pesquisa ratifica um problema já conhecido pelos professores de língua portuguesa: a resistência dos alunos a leituras mais extensas e demoradas. Isso pode ser associado a outros fatores, como a constante presença no cotidiano desses leitores da tecnologia – TV, vídeo, internet – o que contribui para que fiquem adaptados à rapidez de sons, fatos e imagens.

No entanto, tal resposta dada pelos alunos não justifica a exclusão das “minicharges” que, como o próprio nome esclarece, são textos curtos e de rápida leitura.

Portanto, deve haver outro ou outros motivos, que não o da extensão do texto, mesmo porque o nível de complexidade de um texto não depende de seu tamanho, para a não-leitura das minicharges.

Uma comparação entre as charges e os chistes revela que ambos não diferem em relação à extensão, mas diferem no aspecto formal (visual) e temático.

De um lado, há os chistes – termo conhecido popularmente como piada -, que são confinados a um espaço mais ou menos delimitado em função do nível de ruptura que provocam. De outro, há as charges que, segundo o Novo Aurélio Século XXI, são definidas do seguinte modo:

*Charge é uma palavra de origem francesa que se caracteriza por uma representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político e que é de conhecimento público. (Ferreira, 1999:455)*

Pelos chistes (anexo A) os alunos demonstram ter maior compreensão, já que esses textos tematizam o cotidiano, abordando problemas relacionados a: preconceito, questões raciais, sexo, relações familiares etc..

**Nós gostamos mais da ‘chistes’, pelo fato de terem mais nexos, e usarem os termos de fácil entendimento.** (grupo 01)

Além da simplicidade temática, outro fator que possibilita a compreensão dos chistes é a percepção dos recursos lingüísticos presentes nesse gênero. No caso, alguns dos textos que foram propostos para leitura contêm termos ambíguos, recurso semântico muito utilizado na construção do humor. Segundo Pinker (1998), “o humor verbal pauta-se pelo choque entre dois significados de uma palavra, sendo o segundo deles o inesperado, insensato e insultante”.

E, em relação a tal ambigüidade<sup>1</sup> presente nos textos, percebe-se que essa é uma característica da língua facilmente compreendida pelos alunos, pois eles se mostram capazes de perceber as duas (ou mais) possibilidades de leitura e, além disso, percebem também que essa duplicidade é a responsável pelo tom humorístico do texto.

Tais observações são feitas baseadas nas opiniões expressas por escrito pelos grupos quando lhes foi pedido, ainda no primeiro encontro, que apontassem o texto que mais lhes chamava a atenção e o motivo de tal escolha. As respostas à atividade proposta estão presentes nas seguintes afirmações:

**...o que possibilita a construção dessas piadas é o duplo sentido (grifo meu) das palavras.** (Grupo 02)

**...piada do índio, médico, botânico e cômico(...)nós gostamos por causa do duplo sentido (grifo meu)** (Grupo 05)

Em relação à nomenclatura dos gêneros textuais, há uma certa confusão entre os termos “piada” e “crônica” quando o grupo 05 classifica a crônica de Luís Fernando Veríssimo (anexo B) como piada. Provavelmente, isso deva ocorrer em função de uma comparação baseada na extensão dos textos, dado o tamanho reduzido do texto de Veríssimo diante das outras crônicas apresentadas.

**‘Pai não entende nada’: nós gostamos porque essa piada (grifo meu) aborda o cotidiano difícil entre pais e adolescentes de uma forma descontraída.** (Grupo 05)

<sup>1</sup> Ambigüidade: duplicidade de sentido, quer seja de natureza lexical ou estrutural. (Ilari, 1987:86)

Em oposição ao entendimento demonstrado na leitura dos chistes, as charges são eleitas pelos alunos como incompreensíveis: Cabe, então, um questionamento das causas da incompreensão desse gênero cuja leitura, excluída pelos alunos no início das atividades, só é realizada após um segundo pedido para execução da proposta.

Sendo um dos modelos de textos de humor de maior conotação sócio-política, o propósito das charges é ironizar questões econômicas, políticas e sociais do Brasil ou de outros países, exigindo por parte do leitor conhecimento de mundo, isto é, dos fatores extralingüísticos aos quais elas se referem para que ocorra de fato a compreensão no momento de leitura.

Assim, como um primeiro possível fator responsável pela dificuldade de compreensão no momento da leitura, aponto a divergência entre o contexto social e político explorado no texto e a realidade à qual pertencem os leitores. Entretanto, uma breve leitura das charges selecionadas (anexo C) revela que:

- a) Tratam de temas nacionais: salário mínimo, aposentadoria, saúde-pública, queda da bolsa de valores e pobreza dos cidadãos brasileiros.
- b) São publicadas em 19/07/99 e trabalhadas em sala de aula em 18/10/99.

Portanto, tal fator não deve ser a causa do problema, pois, durante o trabalho de seleção de textos para a pesquisa, houve o cuidado em selecionar aqueles que contivessem temas atuais e de âmbito nacional, visando à interação dos assuntos ali tratados com o conhecimento partilhado dos leitores, conhecimento este “formado por um conjunto de proposições que são aceitas tanto pelo falante quanto pelo ouvinte” (Moura, 1999:17)

Uma vez descartada a primeira possibilidade, proponho uma segunda: se o contexto desconhecido pelos alunos é atual e de âmbito nacional, isso significa que a falta de informação é resultado da falta de leitura, problema que poderia ser solucionado através do interesse por leituras informativas encontradas em jornais e revistas.

Talvez essa crítica não seja pertinente, pois afirmar que os alunos não lêem jornais, nem assistem a eles via televisão e, por consequência disso, desconhecem fatos políticos e sociais do país, seria o mesmo que afirmar a existência de uma alienação que envolve outros fatores, como: falhas no ensino das disciplinas cujo conteúdo curricular é composto pelo

estudo de questões acerca da atualidade e desinteresse dos alunos pelos concursos de vestibular – que testam o nível de conhecimento geral dos candidatos.

Essa possibilidade pode ser refutada se os alunos forem diretamente questionados sobre os temas explorados nas charges. Com certeza, diante de um debate sobre salário mínimo, saúde pública etc, eles serão capazes de expressar opiniões que demonstrem conhecimento e interesse pelos assuntos.

Sendo assim, só há um terceiro e último argumento que possa justificar a dificuldade apresentada pelos alunos na leitura das charges, que é a “não-familiaridade” do leitor com tal gênero textual.

**Sabemos que elas falam do salário e dos aposentados, mas é a maneira como está no texto que a gente não consegue entender. (grupo 02)**

Quando me refiro à expressão “não-familiaridade”, faço referência ao fato de o aluno não estar habituado a trabalhar a leitura desse gênero, causando-lhe estranheza tanto a forma na qual são apresentados, quanto as “manobras” requeridas no momento da leitura dos mesmos.

Em relação à forma, as charges vêm sofrendo um processo de modificação. Antes, ela se aproximava ao Cartum<sup>1</sup>; hoje, porém, os autores recorrem a uma espécie de intertextualidade formal, mesclando modelos, o que resulta em: *charge-quadrinho*, *charge-crônica*, *charge-amúncio* etc..

Assim, ler uma charge consiste também em perceber o seu modo de elaboração, pois a leitura dos enunciados é insuficiente sem a compreensão do(s) significado(s) que as imagens revelam. No entanto, os alunos, muitas vezes, não estão aptos a perceberem esse fato, pois a escola pouco trabalha com leituras que envolvam outros tipos de linguagem além da verbal.

O outro fator responsável pela já citada questão da não-familiaridade do leitor em relação ao texto resume-se ao fato de a leitura das charges requerer certas inferências por parte de quem a faz.

---

<sup>1</sup> Cartum: (do inglês cartoon) Desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, utilizando ou não, legendas. (Ferreira, 1999:419)

Apesar de essa não ser uma característica exclusiva desse gênero discursivo, pois inferências são exigidas na leitura de todos os discursos e seus respectivos gêneros, faz-se necessário especificar que tipo de inferência exigem os textos aos quais me refiro.

Os sentidos no discurso humorístico constroem-se através daquilo que está implícito, ou seja, pelos atos de fala inacabados, a partir do momento em que o locutor, a fim de não se comprometer, atribui a responsabilidade de tirar conclusões a seus interlocutores. Assim,

*...o modo de produção do discurso irônico caracteriza-se pela atitude do locutor de dizer o que quer dizer, através de insinuações e metáforas, sem que ele corra o risco de ser alvo de censuras diretas. (Zandwais, 1990:35)*

Desse modo, do leitor exige-se a leitura do que não está dito, que se decodifiquem os subentendidos, o que não implica simples tentativas de apreender o que o locutor diz, mas o que ele pretende dizer com o que diz. É, pois, para atingir o nível do subentendido que o leitor realiza inferências através de um processo denominado **implicatura**. Ao definir tal processo, Moura (1999) afirma: “Uma implicatura é um tipo de inferência pragmática baseada não no sentido literal das palavras, mas naquilo que o locutor pretendeu transmitir ao interlocutor.” (p.13)

Portanto, resumidamente, os requisitos para que o leitor compreenda e interprete uma charge são os seguintes:

1. O conhecimento do tema explorado.
2. O conhecimento e o reconhecimento do fato político, econômico ou social ao qual o texto faz referência.
3. O reconhecimento, caso haja, da personalidade representada pelo desenho ou caricatura.
4. Capacidade para perceber a constituição do sentido através da relação imagem (não verbal) /enunciado (verbal).
5. Leituras que permitam a percepção do fenômeno da Intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outro(s).
6. Capacidade para ler o que está implícito, realizando, assim, as inferências necessárias.

Embora para a maioria dos alunos da turma I a leitura das charges não revele um bom entendimento das mesmas e, segundo opinião expressa nesta análise, tal fato se deva à falta dos requisitos 4, 5 e 6 para a realização da atividade proposta, destaco como exceção o seguinte comentário:

**Não achamos engraçadas pois a maioria são críticas ao governo, e nós pensamos que certos problemas do Brasil não merecem risadas e sim lágrimas. (Grupo 03)**

Deduzo do que é afirmado pelo grupo 03 que o problema não está na falta de compreensão dos textos, mas no fato de eles não despertarem no leitor o efeito de sentido esperado, que é o humor. Para eles, nas charges são explorados fatos reais e esses devem ser refletidos, pois são acontecimentos negativos para o nosso país, do ponto de vista político e social.

Uma leitura crítica é a que acaba por provocar um questionamento em relação à função do discurso humorístico dentro da sociedade e percebe que tal discurso não tem como finalidade única o riso, mas possui outros papéis, tais como a denúncia de problemas que interferem de maneira imediata ou não na realidade vivida por determinados grupos sociais.

No segundo encontro realizado com a turma I, momento este também reservado à atividade de leitura, a proposta apresentada aos alunos é mais específica em relação à realizada nas aulas anteriores. Ao contrário do primeiro encontro, durante o qual foram lidos vários gêneros do discurso humorístico – chistes, charges e crônicas –, coube ao segundo momento a leitura e análise de um único gênero: a crônica.

Segundo Ferreira (1999), as definições para o termo crônica são as seguintes:

1. narração histórica, por ordem cronológica;
2. pequeno conto, de enredo indeterminado;
3. texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal;
4. seção de revista ou de jornal;
5. conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto.

Vê-se, pela definição apresentada, que por crônica pode-se classificar um amplo universo de textos. Na verdade, enquanto modalidade de texto, a crônica não possui regras tão específicas, podendo ser manifestação de outros discursos, além do humorístico e produzida

dentro dos três tipos reguladores: descrição, narração e dissertação. Assim, as crônicas classificam-se em: jornalística, humorística, esportiva, policial, etc. e, além disso, descritiva, narrativa e reflexiva, ou até ser estruturada por uma combinação dos vários tipos.

Interessa-me neste trabalho a crônica enquanto construção humorística, cujo grande espaço de publicação são jornais e revistas com tiragens semanais. Tal preferência se deve às críticas implícitas em tal gênero discursivo, referentes às questões político-sociais da atualidade.

Das crônicas selecionadas (anexos E, F e G), duas são de autoria de José Simão que, diariamente, publica seus textos no Caderno Ilustrada do jornal A Folha de São Paulo.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho a análise dos textos selecionados na coletânea, mas sim a análise da leitura que os alunos fazem deles. No entanto, é necessária uma rápida apresentação dos textos, visando ao levantamento de algumas características presentes na estruturação dos mesmos. Quando há uma proposta de atividade de leitura em uma aula de língua portuguesa, é esperado, por parte de quem escolhe os textos, que algumas marcas lingüísticas sejam consideradas relevantes pelos leitores que estão inseridos no processo de desenvolvimento de tal atividade.

Assim, cabe ressaltar que os textos de José Simão são marcados por um estilo próprio, pois há algumas marcas lingüisticamente visíveis em todos eles, que aparecem como formas fixas de organização do discurso.

São exemplos disso as expressões cristalizadas com as quais o autor inicia e finaliza seus textos. Em *Buemba! A Ford vai lançar trio elétrico na Bahia!* (anexo F) e *Edilson ganha prêmio: férias na Bahia!* (anexo G), as expressões “Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente!” e “Nóis sofre mas nóis goza” marcam, respectivamente, início e término de cada texto.

Outro termo recorrente em seus textos é a onomatopéia “Rarará”, que tem, bem como os demais elementos coesivos, a função de direcionar o discurso, uma vez que o autor a utiliza nos pontos de mudança ou retomada de temas.



Além dessas expressões cristalizadas, o autor apresenta um trabalho com algumas “sofisticações” linguísticas no que diz respeito à estrutura fonológica, morfológica e sintática que, intencionalmente, provocam o efeito de sentido desejado pelo autor: humor.

Também é característica das crônicas de Simão o fato de que a leitura delas pressupõe conhecimentos partilhados: além de conhecimentos sociais e políticos, é constante o diálogo com as notícias recentes e opiniões expressas no jornal, assim como os artigos anteriores da própria coluna.

José Simão incorpora em seu discurso outras vozes, o que contribui para a construção de um discurso polifônico. Além disso, o texto é rico em citações e discursos diretos – marcados pelo uso de aspas – processo que leva o leitor a buscar ou reativar a leitura de outros textos, inserindo-se, assim, no fenômeno da intertextualidade explícita que para Koch (1997a), “ocorre quando há uma citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações...”(p. 31)

Não se espera que os alunos, que desconhecem tal coluna e autor, dêem conta de observar todo o trabalho linguístico e toda a situação contextual através dos quais o autor constrói suas crônicas.

Então, como já relatado no capítulo anterior, referente à metodologia, houve previamente a leitura do texto *Buimba! A Ford vai lançar trio elétrico na Bahia!* (anexo F) de forma direcionada, de modo que os alunos pudessem perceber o processo de elaboração textual e repetir o mesmo tipo de análise com o texto *Edilson ganha prêmio: férias na Bahia!* (anexo G). Entretanto, os comentários entregues a respeito do texto demonstram haver um outro enfoque no momento da leitura.

Ao invés de buscar os recursos linguísticos responsáveis pela composição do tom humorístico do texto (o que fora proposto), limitam-se a relatar o que o próprio texto já diz, como se o trabalho requeresse a produção de um resumo, como fica claro em:

**O primeiro parágrafo fala sobre o presidente e a primeira dama, que receberam apelidos do autor, Pizza Hut e Don Doca, por isso torna-se engraçado. O autor faz uma crítica também a cobrança de pedágio, e ridiculariza dizendo que será cobrado pedágio também em estradas de terra. (Grupo 03)**

Quando não, fazem recortes de trechos que lhes chamam atenção e partem para a reflexão, explorando de forma opinativa o tema abordado no parágrafo selecionado, fato que ocorre nas seguintes observações:

**‘A Copa do Ultimate Fighting’ ... Este parágrafo é importante, pois relata sobre um assunto que freqüentemente ocorre no futebol brasileiro: o desrespeito entre os jogadores, que em muitas vezes levam a violência dentro e fora do campo. Hoje em dia raramente se assiste um jogo sem violência. Se este problema não for resolvido, poderá levar ao fim do futebol. (Grupo 04) e**

**Achamos que o comentário ‘que chama a mulher de humano sem pênis’, é puro machismo, é claro que a mulher é chegada, mas por que não podíamos chamá-los de humanos desvaginados?! Isto é a prova que eles outra vez, querem sobressair. (Grupo 05)**

Essas respostas revelam que, mesmo não cumprindo o exercício tal como formulado, algo relatado no texto chama a atenção dos alunos para a discussão e, nesse momento, relacionam o fato mencionado com a opinião que já possuem sobre o mesmo, opinião esta formada pelo conhecimento de mundo de cada um.

Nesse sentido, crônica *Porteira Aberta* (anexo H) permite a reflexão sobre os valores éticos e morais vigentes no Brasil, através de uma bem humorada narrativa sobre a transformação da personagem Lucinha em dançarina de Axé Music.

Com efeito, os alunos percebem a intencionalidade presente no texto, que se utiliza da estrutura narrativa (com todos os elementos próprios desse tipo de texto), como pretexto para questionar, criticar e até mesmo denunciar fatos da realidade brasileira. Logo, eles conseguem relacionar a questão do culto à beleza como forma de ascensão social a outras questões ligadas à inversão de valores.

Assim, destacam a influência dos meios de comunicação – como a TV – na demasiada valorização da estética feminina, como ocorre em:

**...Gugu bombardeia diariamente as tardes de Domingo, com a prova da banheira, onde aparecem várias mulheres com corpos esculturais, mostrando as personagens mais sensuais. (Grupo 01)**

Também contrapõem a exaltação à beleza física a qualidades intelectuais, chamando a atenção para o baixo valor que é dado ao ensino e pesquisa no Brasil:

**...valorizam uma pessoa que não tem estudo ou pouco, ao invés de valorizar alguém que se dedica ao estudo, descobertas. Ex: pesquisadores, médicos, antropólogos etc... (Grupo 02)**

E, finalmente, atentam para o fato de que a mídia impõe exatamente o valor buscado pela população, pois:

**Cada vez mais existem grupos de axé, que exploram muito o corpo das mulheres. A mídia não se importa com a qualidade do programa, mas sim com o Ibope. Com isso, torna-se apelativo. O povo se acostumou com isso que quando assistem programas educativos tratam logo de mudar e procurar um programa mais atraente. (Grupo 04)**

Com a discussão a respeito do texto *Porteira Aberta*, finaliza-se o trabalho de leitura com a primeira turma. Portanto, passo, a seguir, à análise do mesmo tipo de prática realizada com a segunda turma, porém, com algumas modificações metodológicas, em função da alteração do material selecionado, fato que será explicado no decorrer da seção.

### 3.2 Turma II

O trabalho realizado com a segunda turma inicia-se com uma sondagem prévia sobre os meios pelos quais os alunos têm acesso ao discurso humorístico. Os depoimentos apresentados confirmam a preferência do oral em relação ao escrito, quando afirmam que o contato com o humor ocorre, na maioria das vezes, via programas de rádio e TV e, raramente, via jornais e revistas:

**...na maioria das vezes, o humor é através de outros meios que não são a leitura, como programas de TV e rádio. Ex: Casseta & Planeta, Saturday Night Livre, Pânico etc... (Grupo 05)**

**...a maior relação do grupo com o humor é através do rádio. (Grupo 01)**

Dois aspectos presentes nos depoimentos a seguir chamam a atenção. O primeiro é a idéia de texto como algo exclusivamente impresso, conforme fica ressaltado em:

**Em geral, o grupo restringe o contato com textos (grifo meu) humorísticos a jornais (charges) e revistas. Na maioria das vezes, a relação com o humor é via TV ou Internet. Foi mais apontado o programa “Casseta e Planeta” e o “Mortadela” na Internet. (Grupo 02)**

O segundo aspecto dos depoimentos que chama atenção é a divisão que fazem entre aquilo que faz parte da linguagem oral e aquilo que faz parte da linguagem escrita. Classificam na modalidade escrita da língua os textos publicados em jornais e revistas, tais como a charge. Já dentro da modalidade oral classificam os programas exibidos em TV, rádio e Internet.

**Não lemos. Vemos programas de humor na TV (Casseta Planeta, Sai de Baixo) e também via internet. É muito raro lermos charges em revistas ou jornais. (Grupo 04)**

Quando afirmam: **não lemos. Vemos programas de humor na TV e também via Internet**, cabe ressaltar que pressupõem leitura como um processo que ocorre somente quando o objeto a ser lido é impresso em jornais ou revistas. Já o texto via internet não é “lido”, é visto. O que faz os alunos diferenciarem a leitura de uma charge publicada no jornal da publicada na Internet? Seria o meio o fator de interesse ou desinteresse pela leitura e não o texto em si, uma vez que o interesse dos adolescentes em acessar a Internet é maior do que o de realizar a leitura de um jornal?

Essas respostas justificam a escolha do material a ser trabalhado com a Turma II. Além dos chistes (anexo A), com algumas alterações, e da crônica (anexo B) já apresentados para a primeira turma, foram acrescentadas algumas charges obtidas via Internet (anexos I, J e L).

Diante dessa coletânea entregue no primeiro encontro com esta turma, composta de três gêneros: chiste, charge e crônica, é visível a preferência pela leitura das charges em oposição ao desinteresse pelos demais textos. Fazendo uma breve análise das charges, cabe salientar quais são os processos que devem ser observados e compreendidos no momento de realização da leitura.

As charges denominadas *FHC ddd* (anexo I) e *FHC ddd2* (anexo J) são construídas por um diálogo entre o presidente Fernando Henrique Cardoso – representado em forma de caricatura – e os três bonecos que atuam na campanha publicitária do DDD. O primeiro processo a ser observado é a relação de intertextualidade explícita entre a campanha

publicitária e as charges. Da mesma forma como os bonecos denominados de DDD, na campanha televisiva, dirigem-se aos seus interlocutores - os usuários de linhas telefônicas -, na charge, eles abordam o presidente, porém, com uma temática diferente. O termo DDD, que é tradicionalmente utilizado como sigla de discagem direta a distância, tem o seu sentido alterado, pois passa a significar a abreviação do termo desemprego na primeira charge, e, na segunda, refere-se a desemprego, desgoverno e dívidas.

Outro aspecto que deve ser compreendido é a exploração da ambigüidade do verbo *ligar*. Esse termo apresenta dois tipos de polissemia. Quanto à polissemia literal, um dos vários sentidos atribuídos a esse termo é o “ato de telefonar”. No entanto, na resposta dada aos bonecos pelo FHC na primeira charge, a polissemia do verbo *ligar* é do campo metafórico: “importar-se com algo ou alguém”. Assim, ocorre uma substituição do sentido inicial por outro.

Na terceira charge, denominada *fhc - mecânico* (anexo L), a figura de FHC contracenava com a de um mecânico de automóveis. O gatilho lingüístico que provoca o efeito humorístico também é o uso de dois sentidos para o mesmo termo: câmbio.

Travaglia (1995) estuda esse tipo de processo presente no humor e considera que um dos mecanismos básicos dos textos humorísticos é a bissociação que consiste em, por recursos diversos, ativar dois mundos textuais. Entre esses recursos, destaca o da ambigüidade e particularmente a homonímia, como recurso lingüístico responsável pela ambigüidade.

Assim, baseado em análises de textos humorísticos, sugere uma classificação para os tipos de homonímia presentes nesse discurso, como se segue:

- *palavras idênticas;*
- *palavra/seqüência;*
- *duas seqüências homônimas;*
- *homônimos com mudança de classe;*
- *expressão idiomática X mesma seqüência funcionando como expressão idiomática, homônimos com diferenças sintáticas;*
- *falsa homonímia.*

Retomando a terceira charge, trata-se de um caso de homonímia e segundo os tipos de homonímia propostos por Travaglia, mais especificamente de “palavras idênticas”. O

termo câmbio é assim classificado pelo autor, pois ele identifica como “homonímia por palavras idênticas” os casos em que palavras de uma só fonia podem ativar diferentes sentidos.

Em um primeiro momento de leitura – o mais superficial – câmbio refere-se à “peça de automóvel” dada a figura do mecânico. No entanto, pela informação também extra-lingüística, como a figura do mapa do Brasil, câmbio está para a relação de compra e venda de moeda estrangeira.

Os alunos, em seus depoimentos tanto oral quanto escrito, demonstram ter realizado uma leitura eficiente das três charges, pois conseguem perceber os termos ambíguos, identificam a necessidade da relação entre o verbal e o não-verbal, importantes na constituição de sentido e parecem ter o necessário conhecimento de mundo para a compreensão do tema.

**...ele fala e aí chefia, o problema tá no câmbio. Tem um mapa do Brasil então quando ele fala do câmbio ele fala do dólar. Tem que entender o duplo sentido, o que está acontecendo e a figura, né? (Grupo 03, referindo-se à terceira charge.)**

**...para entender a charge precisa ter uma base do que está acontecendo. (idem.)**

Além da compreensão demonstrada, também chegam, em alguns momentos, a fazer interpretações, através de inferências nas quais exploram o conhecimento de mundo, como pode ser observado em:

**... ele nem liga, pois o governo fez um monte de promessa antes de se candidatar e agora tá se descobrindo que ele tá fazendo ao contrário. Está afundando o país em dívida, privatizando tudo, tá tirando dinheiro da educação e votando no pagamento para o FMI essas coisas. (Grupo 02, em relação à primeira charge.)**

Mais do que a percepção dos três requisitos básicos para a compreensão dessas charges - ambigüidade, relação imagem/texto e fator político relevante - apontam para o fato de que tal gênero é interessante e capaz de provocar o riso no leitor, justamente pelo fato de ter como tema a política. Construir um texto humorístico tendo como base a realidade do país é, para alguns alunos, a verdadeira definição do “humor inteligente”.

**após analisarmos todas as piadas e afins, chegamos ao consenso de que as mais engraçadas seriam as charges, pois tratam do humor inteligente, com críticas à política e fatos atuais, além da presença de imagens. (Grupo 05)**

**as charges são mais instrutivas, é uma crítica de modo criativo, humor inteligente, humor inteligente é crítica a algo verdadeiro como a política.**  
(Grupo 03)

Com esse nível de leitura, que considero satisfatório, cresce, entre os elementos dos grupos, o interesse pela discussão acerca dos temas políticos e sociais tratados nas charges. Tal interesse se contrapõe à reação diante dos chistes. Segundo as opiniões expressas pelos alunos, são textos que não conseguem provocar o efeito humorístico.

**Não gostamos das piadas porque não têm a mínima graça.** (Grupo 01)

**A piada ‘no velório do Senna’ não gostamos, pois houve uma associação de palavras de mau gosto, ele era um ídolo nosso.** (Grupo 03)

Na verdade, o que os alunos pretendem chamar de “mau gosto” não é a associação de palavras em seu sentido lingüístico, mas o fato de nessa associação haver referência a Ayrton Senna. Cabe lembrar que no humor, especialmente nos chistes, é comum a depreciação de grupos em função de cor, raça, sexo, etc.. No entanto, isso só é aceito socialmente quando o humor tem por objeto um grupo e não uma pessoa determinada. No chiste ao qual o grupo 03 se refere, o objeto de humor não é a classe de pilotos, mas uma pessoa específica, vista como ídolo nacional. Assim, como visto em Raskin (1985), um dos fatores que contribuem para o ato de humor é o *fator psicológico* e, nesse caso, diante da referência a Senna, o grau de predisposição individual para o humor não é atingido.

Como última atividade proposta ainda no primeiro encontro, os alunos devem completar três piadas que, propositadamente, são entregues a eles de modo incompleto. Passo, neste momento, a analisar esse tipo de trabalho, seguindo o seguinte roteiro:

- a) a apresentação do texto, cujo trecho entre os parênteses não é exposto aos alunos;
- b) uma breve análise dos mecanismos de elaboração textual responsáveis pelo efeito humorístico;
- c) as alternativas apresentadas pelos grupos como finalização ao texto, bem como o comentário a respeito disso.

### Texto 1:

- Abandonei meu marido quando o flagrei num jogo de pôquer.
- Mas o que ele fazia? Tinha um ás na manga?
- (Não. Tinha uma dama no colo)

Retomando as técnicas de construção do chiste classificadas em Freud (1977), o primeiro texto é construído pela técnica denominada de “duplo sentido”. Esse termo, segundo Freud, refere-se a três mecanismos: a) uso literal e metafórico de um mesmo termo, b) uso múltiplo de um mesmo material com algumas leves alterações em relação à segmentação (fonológica ou morfológica) e c) múltiplo uso de um mesmo material sem qualquer tipo de alteração.

O terceiro e último conceito para a técnica de “duplo sentido” é o que se aplica à exploração da palavra “dama” no texto, que se refere tanto à *carta de baralho* quanto à *mulher*.

Além da ambigüidade, deve também ser observado que há duas relações de oposição que contribuem na elaboração textual: a oposição **ás/dama** (termos referentes a cartas de baralho) e a oposição **manga/colo** (termos referentes a locais onde se encontram as cartas).

Essas relações são vistas pelos grupos 04 e 05, que sugerem como complemento à piada exatamente o que é previsto.

**Não, tinha uma dama no colo.** (Grupo 04)

**Não...uma dama no colo.** (Grupo 05)

No entanto, tal mecanismo semântico é percebido com algumas alterações pelos demais grupos. O grupo 01 constrói o final do texto a partir da troca entre os termos **ás/dama**, pois sabe que a palavra *dama* é a única do universo de cartas de baralho que, além desse sentido, refere-se também à *mulher*, sentido que vai ao encontro da crise conjugal



citada no início do texto. Porém, não busca completar a outra relação de troca **manga/colo**, o que deixa subentendida a idéia de haver uma dama na manga, não atingindo, assim, o efeito humorístico esperado.

**Tinha uma dama.. (Grupo 01)**

O grupo 02, ao contrário do 01, completa a relação **manga/colo**, chega ao motivo da crise conjugal, utilizando o termo “mulher”, mas não percebe a possibilidade de usar o termo **dama** que, além de corresponder ao sentido desejado por eles, faria uma oposição ao **ás**, já que o contexto do chiste é um jogo de baralho.

**Tinha uma mulher no colo. (Grupo 02)**

O grupo 03 percebe as duas relações, mas, ao completar a oposição **manga/colo**, opta por algo diferente do esperado, pois “dentro da calça” atribui ao chiste um tom mais apelativo, sexualmente falando.

**Não. Tinha uma dama dentro da calça. (Grupo 03)**

**Texto 2:**

- Dei um jaguar para minha mulher e fiquei viúvo.
- Desastre?
- (Não, o jaguar estava com fome mesmo).

Assim como o texto 1, este também apresenta em sua construção o mecanismo de “duplo sentido” e, entre eles, o múltiplo uso do mesmo termo: **jaguar**

Dadas as respostas que vão ao encontro do esperado,

**Não, foi fome mesmo. (Grupo 01) e**

**Devorada. (Grupo 05),**

pode-se afirmar que eles percebem que os textos de humor e, especificamente os chistes, apresentam diversas possibilidades para o leitor, para em seguida impedir-lhe algumas. No caso, das duas possibilidades para **jaguar** - carro e animal -, a primeira deve ser a excluída por ser a mais óbvia, uma vez que jaguar/carro é mais indicado como presente do que jaguar/animal. A segunda, portanto, é a inesperada, a causadora do efeito humorístico, o que retoma a noção de *insensatez* já citada por Pinker (1998).

Isso não é percebido pelo grupo 04 que, como conclusão ao texto, opta por atribuir à fala do primeiro interlocutor a resposta óbvia e prevista:

**Sim. (Grupo 04)**

Já as respostas dadas pelos grupos 02 e 03 não correspondem exatamente à fala que se encontra no texto, contudo acabam sugerindo duas opções de humor que resultam da exploração de outro termo ambíguo. Ao propor como conclusão ao texto a sentença

**Não, alívio. (Grupo 02),**

os alunos não se utilizam do duplo sentido do termo **jaguar**, mas sim de **desastre**. O segundo interlocutor refere-se a **desastre** como sendo “acidente de carro”, tendo como pressupostos para isso os termos mencionados pelo primeiro: “jaguar” e “morte”. No entanto, o primeiro interlocutor atribui a **desastre** o sentido de “algo calamitoso”, sentimento que deveria ter diante da morte de sua mulher. Como o humor se faz pelo inesperado, ele confessa ter outro sentimento, o de alívio pelo fato ocorrido. Em

**Sim, na minha conta bancária. (Grupo 03),**

há o mesmo tipo de deslocamento proposto na resposta dada pelo grupo anterior, pois, novamente, explora-se o duplo sentido do termo **desastre**. Aquilo que deveria referir-se a acidente de carro, passa também a ter o sentido de algo calamitoso, porém, dessa vez, o primeiro interlocutor assume a fato de o ocorrido ser lamentável, mas atribui tal calamidade à sua conta bancária e não à sua vida.

Logo, com tal mudança de enfoque sugerida pelos grupos 02 e 03, explora-se a situação em que o marido não lamenta a morte da esposa, o que faz circular no discurso uma

contraideologia. A maioria dos chistes veicula o discurso dominante, então, quando se veicula o “outro” discurso, o humor é classificado como **contraideológico**.

Ambos os grupos demonstram compreender que alguns mecanismos - textuais e contextuais - são necessários na construção de uma piada para que o leitor os desvende, pois, segundo Possenti (1992), para um falante, compreender uma piada é trivial, desde que ele conheça a língua e um conjunto de manobras pragmáticas.

### Texto 3:

Dois amigos judeus se encontraram e um deles está cabisbaixo.

- O que aconteceu? Perguntou o primeiro.
- Minha mãe morreu. Fiquei muito triste.
- Que pena! Meus pêsames. Mas o que ela tinha?
- (Muito pouco, infelizmente. Um apartamento, dois terrenos, um dinheirinho no banco.)

Retomando a classificação de chistes encontrada em Freud (1977), um dos mecanismos de elaboração desse gênero é o deslocamento, que consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não é o de abertura. No caso do texto 3, o tópico da fala do segundo interlocutor é **doença (causa da morte)**, já o primeiro desloca-o para **bens materiais (causa da tristeza)**.

Também em Travaglia (1995), encontra-se entre as classificações dadas para homonímia o tipo “homônimos com diferenças sintáticas”, recurso no qual um termo adquire sentidos diversos conforme o co-texto. É o que ocorre, no texto 3, com o verbo **ter**, cuja duplicidade de sentido está no seu complemento sintático: **doença/bens**.

As respostas dadas pelos grupos 01 e 04 também se constroem pelos recursos citados, pois usam como complemento sintático ao verbo **ter** termos semanticamente relacionados a bens materiais:

**Dívidas.** (Grupo 01)

**Ela não tinha nada, só uma fazenda no Mato Grosso.** (Grupo 04)

Já as respostas apresentadas pelos grupos 02 e 05 não chegam a provocar o efeito de sentido desejado, uma vez que não há o deslocamento do tópico inicial, pois complementam sintaticamente o verbo *ter* com termos referentes a doenças, o que já é previsível no contexto inicial do texto.

**Prisão de ventre.** (grupo 02)

**Desgosto.** (Grupo 05)

Os leitores que conseguem, diante de um chiste incompleto, preenchê-lo, de forma a ativar algum mecanismo que resulte no efeito humorístico, talvez façam isso por já estarem habituados a ler e ouvir piadas e, como muitas delas são elaboradas pelo mesmo tipo de gatilho lingüístico, associam o modo de construção de um texto ao de outros.

No entanto, o que interessa é o fato de que, conscientemente, esses leitores sabem qual a natureza das situações representadas por esse tipo de texto, pois sabem que são textos que exigem a manipulação de mais de um sentido e a escolha de um sentido dominante. Além disso, são textos que exigem também, segundo Possenti (1992),

*...pressupor, inferir, segmentar alternativamente, atuar metalingüisticamente, aliar ao sentido um conhecimento suposto, fazer apostas sobre a intenção do falante face a face.* (p. 83)

No segundo encontro com a turma II, último momento destinado ao trabalho de leitura, foram utilizados dois textos: a crônica *Ueba! O que Deus criou, só o silicone segura*, de José Simão e a charge *Charlotte – a emergente*, anexos M e N respectivamente.

José Simão é um autor desconhecido pelos alunos, que não são leitores de sua coluna publicada diariamente no jornal A Folha de São Paulo, situação idêntica à da primeira

turma. Portanto, são diversas as reações diante de uma primeira leitura do texto de Simão e isso é transmitido nos próprios relatos através da discussão oral.

**...texto louco, sem nexos...parece texto de fofoca, pois fala de muitas pessoas famosas, a Xuxa, a Feiticeira, a Nicéia...” (Grupo 04)**

De fato, o autor percorre por diferentes temas, desde a prótese de silicone, até questões políticas, como o caso Nicéia Pitta e o caso Elián. Esse tipo de texto parece, à primeira vista, sem nexos, pois não se estrutura sobre uma lógica de progressão temática. No entanto, o leitor assíduo de José Simão já conhece os recursos textuais e discursivos utilizados pelo autor, logo é capaz de identificar os marcadores responsáveis pela coerência do texto, aparentemente “incoerente”. Já em relação à comparação do texto com a fofoca, essa afirmação revela que os leitores não dão conta de um importante aspecto: a intenção do autor não é criticar diretamente as pessoas às quais faz referência, senão despertar o leitor para os fatos (sociais, culturais, políticos ou econômicos) que estão em jogo no discurso quando se refere a tais personalidades.

**...texto chato, não fala nada de novo, fala de coisas que já tá muito manjado... (Grupo 02)**

Esse depoimento parece refletir uma leitura superficial que só abrange o conteúdo do texto em seu aspecto informativo. É uma leitura que não percebe uma das funções do humor, que consiste em explorar o que é dito através da maneira de dizê-lo. Dessa forma, também não são decifradas as críticas implícitas e subjacentes a esse discurso.

**...o texto é inesperado, cheio de ‘palavrão’. Eu pensei que no jornal não houvesse um texto assim, achei o máximo. Já percebi que essa é a coluna dele, os palavrões... (Grupo 03)**

Como já dito, existem algumas marcas textuais que fazem parte do estilo do autor, presentes nos anexos E, F e G, que se repetem no anexo M, tais como: “Buemba, buemba ...macaco Simão urgente”, “Rarará”, “Nóis sofre mas nóis goza”. Além disso, faz parte de seus textos um estilo despojado, o que o faz inserir em sua linguagem coloquial o uso de alguns termos que, denominados pelos alunos de “palavrões”, naturalmente, não são publicados nos textos jornalísticos.

Na verdade, o que é inesperado para esse leitor, autor do depoimento acima, é a sobremodalização discursiva, na qual há um discurso humorístico dentro de um espaço destinado ao discurso jornalístico.

Isso significa que antes da realização da leitura, os alunos, assim como os leitores em geral, têm uma pré imagem do texto que é , na verdade, a imagem que fazem do espaço destinado à sua publicação, como o jornal. Assim, espera-se o “palavrão” quando se lê, por exemplo, a seção de piadas da revista Playboy, o que não ocorre quando o objeto de leitura é um jornal conceituado como A Folha de São Paulo.

Um fato perceptível durante a discussão do texto de Simão é a centralização em torno da primeira parte, cujo tema é a prótese de silicone. Alegando ser essa a única parte engraçada, os alunos não se esforçam em comentar algo a respeito dos outros temas abordados pelo autor. Digo isso, diante de tais afirmações:

**A parte do Elian não tem muita graça. (Grupo 01)**

**...retrata ironicamente a realidade quando fala do silicone. (Grupo 02)**

**Não entendemos bem o que tem a ver o garoto de Cuba aqui. (Grupo 04)**

Diante disso, o momento é propício para a interferência do pesquisador e é o que ocorre quando peço a eles que releiam o parágrafo no qual o autor se refere ao caso do garoto cubano e percebam que o humor é pretexto para se chegar a algo mais sério. Assim, fica sugerido a eles que respondam à seguinte questão: Ao referir-se ao caso do garoto cubano, qual é a verdadeira crítica que o autor faz? Eis as respostas obtidas:

**Ele fala que EUA fez uma lavagem cerebral no garoto, eles o americanizaram . (Grupo 03)**

Há situações em que o leitor faz inferências no momento da leitura, mas não diferencia tal processo daquilo que é dito explicitamente no texto. É o que ocorre quando o grupo 03, utilizando-se do verbo introdutório “falar”, aponta para algo que, segundo eles, está dito no texto. No entanto, ao contrário do que afirmam, a idéia da americanização do garoto cubano não é explícita pelo autor, é apenas uma das inferências entre tantas outras que o leitor pode fazer, ao ativar seu conhecimento de mundo.

**Usando o garoto, querem mostrar que são melhores que Cuba, que o menino vive melhor do que em Cuba. (grupo 01)**

A referência ao caso do garoto Élian leva os alunos a discutir, em vários níveis de complexidade, as relações de força e poder que envolvem os Estados Unidos e o restante do mundo. No caso do grupo 01, os alunos abordam a questão da “superioridade” americana e o mais interessante é que esse tipo de inferência que se faz do texto revela a percepção do leitor para um dos objetivos do texto humorístico, que é a crítica velada.

As demais respostas, como será observado, além de referirem-se à questão da superioridade americana, trazem outras inferências, como o processo de transformação cultural e o papel da mídia.

**Ele não critica só o caso de o garoto ter sido americanizado. José Simão critica a história de a maioria dos cubanos quererem imigrar para o EUA. (Grupo 04)**

**Chegamos a conclusão que José Simão faz uma séria crítica a hegemonia dos EUA, e como esta atrai as pessoas. Temos como exemplo o caso de Elian, que entrou no hospital ‘naufragado’ e saiu americanizado. A mídia (globo) fez o maior sensacionalismo em torno desta história, e deixou ainda os EUA como ‘bonzinho’, o qual até hoje não sente remorso pelo cerco a Cuba. O resultado disso, vem das insessantes mentes fracas tentando conseguir um visto para sua ‘stepnation’, pois a sua já morreu há tempos. (Grupo 05)**

Concluindo o trabalho com a turma II, no que diz respeito à etapa destinada à leitura, há a tentativa de se verificar o nível de compreensão do último texto selecionado: *Charlotte a emergente* (anexo N).

A elaboração da charge baseia-se em uma cena na qual um casal dialoga e a mulher descobre alguns números de telefone no bolso do paletó de seu parceiro, o que a faz questioná-lo sobre tal fato.

Isso sugere ao leitor que o tópico da discussão entre o casal seja algum tipo de sentimento relativo a relacionamentos afetivos, como o ciúme. Porém, o personagem masculino se justifica, alegando que sua relação com tais pessoas é baseada em apenas sexo, sem o risco de haver amizade. Como a personagem feminina se sente aliviada com tal justificativa - o que se percebe pela sua fisionomia representada através da imagem visual -, o leitor deve perceber a mudança do tópico. O que está em jogo não é mais a execução de algo proibido, como a suposta traição, mas a relação de amizade com políticos e juizes.

Após esse trabalho de identificação da relação entre o lingüístico e o imagético, o leitor deve ativar em seus conhecimentos quais são os fatos a que a charge se refere. Acionando o contexto político nacional relativo à data de publicação da revista na qual o texto é publicado, obtêm-se as notícias sobre fraudes e corrupção, envolvendo políticos e juizes, o que leva muitos supostos envolvidos nessa situação a negarem qualquer tipo de relacionamento com as pessoas denunciadas. Assim, o que deixa a personagem da charge tranqüila é o fato de seu companheiro ser precavido e não se comprometer a ponto de ser acusado de participação em algum ato ilícito.

O humor, nesse caso, constrói-se pelo processo denominado contra-ideologia, pois explora-se a inversão de valores, através da qual a traição, tradicionalmente condenada, passa a ser vista sob um enfoque diferente.

As explicações dadas pelos grupos sobre o texto revelam haver um distanciamento entre o que compreendem e todas as inferências necessárias para um nível satisfatório de interpretação.

Os grupos 02 e 05 nem chegam a perceber a temática política explorada pela charge, embora o próprio texto forneça lingüisticamente algumas marcas, como os termos “políticos” e “juízas”.

**...mostra a traição nos dias de hoje, onde sexo já não está sendo mostrado como uma forma de traição, e a amizade é mais comprometedor. Isso desvia toda a visão que a gente tem sobre traição. Sexo já não é tão importante. Não envolve mais as pessoas, é uma coisa natural, quase mecânica. A amizade é mais importante. (Grupo 02)**

**Nesta charge, está explícito uma crítica sobre os relacionamentos dos dias modernos, aos quais podem ser definidos três partes (em nossa concepção): sexo, amizade e amor. Sexo pode ser definido como um relacionamento puramente físico. Amizade já é primário ao amor, é onde se enquadra o ‘ficar’. E o amor é um relacionamento mais sério que envolve sentimentos mais complexos entre duas pessoas. (Grupo 05)**

Os dois grupos centram-se na relação sexo/amizade e sexo/amizade/amor, respectivamente. Chegam a perceber a mudança de tópico em relação à primeira fala da personagem feminina e sua postura no final do diálogo no que diz respeito à relação afetiva e, a partir desse fato, opinam e refletem em torno das relações apontadas. Portanto, não vêem a intenção do texto com a mudança de tópico, pois não lêem o que está implícito. Esses são dois



casos em que o efeito desejado não é atingido, e em se tratando de humor, isso permite afirmar que não ocorre de fato a leitura do texto, como afirma Possenti (1988): “eventualmente, haverá algum leitor que não entenderá piadas como piadas e faça destes textos uma outra leitura. Poder-se-á no caso falar em leitura? Eu, por mim, diria que não.” (p.116)

Ao contrário dos grupos 02 e 05 e dos grupos 01 e 04 que alegaram a falta de compreensão para a não realização do exercício, há o grupo 03, que se revela capaz de fazer as inferências exigidas pelo texto:

**O significado dessa Charlotte é que não tem problema se o cara tiver alguma relação sexual com políticos e juízas, o que não pode é ter uma relação de amizade, pois assim significa que o cara era corrupto ou alguma coisa do gênero. (Grupo 03)**

Até o momento, foram levantados alguns aspectos relevantes na atividade de leitura de textos humorísticos em sala de aula, apontando tanto o processo de compreensão e interpretação textual por parte dos leitores, quanto a apresentação de leituras consideradas não satisfatórias.

Assim, o trabalho prossegue com uma comparação entre os resultados obtidos com as duas turmas participantes da pesquisa.

### 3.3 Trabalhando as semelhanças e diferenças

A análise anterior segue a sequência cronológica de realização das atividades propostas. Nesta seção, em que passo a apresentar a análise comparativa, baseio-me na leitura que cada turma faz dos três gêneros - chistes, charges e crônicas -, apresentando, na sequência, cada um deles.

Em relação aos **chistes**, cuja relação de dezoito textos foi entregue às duas turmas, pode-se dizer que esse gênero desperta maior interesse na turma I, baseado em dois pontos:

- a) priorizam a leitura dos chistes em relação aos demais textos e
- b) lêem os textos, buscando observar os mecanismos linguísticos responsáveis pela construção de sentidos e entre eles, destacam o recurso da ambigüidade.

Esse olhar lançado pelos alunos reflete um interesse pelas questões referentes ao uso que se faz da língua no discurso humorístico. Isso cumpre uma das expectativas desta pesquisa, já que um dos objetivos apresentados é o de se trabalhar o humor no curso de língua portuguesa, devido à riqueza lingüística presente nos textos.

A turma II, ao contrário da primeira, ao realizar a leitura dos chistes, não se preocupa com o processo de elaboração textual, pois não há qualquer tipo de observação acerca do trabalho lingüístico presente nos textos. Pelo contrário, os alunos limitam-se a se posicionar subjetivamente, emitindo os sentimentos que os textos lhes causam.

Já quanto ao interesse demonstrado pela leitura das **charges**, pode-se dizer que há uma inversão em relação à leitura dos chistes. A turma I apresenta maior dificuldade na compreensão desse gênero.

Deve-se fazer uma observação acerca desse tipo de textos cuja compreensão depende de uma série de manobras lingüísticas e pragmáticas, como as já citadas no início deste capítulo. Questionando qual, em essência, é a natureza do problema de incompreensão textual apontado pelos alunos, destaco a dificuldade em:

- relacionar a linguagem verbal e a não-verbal, presentes simultaneamente no texto;
- relacionar o texto a outros (intertextualidade);
- ler o que está no nível implícito, sem se ater apenas à literalidade do texto.

Se, por um lado, a primeira turma revela dificuldades na leitura das charges, por outro, a segunda demonstra ser capaz de fazer uma leitura mais adequada desse gênero, com exceção da leitura do anexo N, o que faz os alunos preferirem as charges aos chistes.

Tal compreensão resulta do fato de os alunos serem capazes de perceber todo o processo de construção textual, desde o uso de termos com duplo sentido, até a identificação da crítica subjacente ao humor.

Ao contrapor tais diferenças entre as duas turmas em relação à leitura das charges, devo ressaltar que os textos trabalhados nos dois momentos da pesquisa não são os mesmos. À primeira turma coube a leitura do texto *minicharges do Jaguar* (anexo C), enquanto à segunda, foi designada a leitura do texto *Charlotte – a emergente* (anexo N) e das três charges divulgadas na internet (anexos I, J e L).

No entanto, a diferença entre as coletâneas apresentadas não deve implicar diferença na complexidade temática, pois todos os textos exploram os fatos ligados à política nacional atual. Também não diferem na forma, já que, sendo os textos classificados como charge, todos exigem que se façam os mesmos tipos de inferência a fim de que se percebam as relações existentes em nível intratextual – o aspecto imagético e o lingüístico – e em nível contextual – a relação texto e conhecimento de mundo.

A única diferença entre as duas coletâneas está no espaço de publicação. Enquanto as *minicharges* são publicadas em uma revista, três das quatro charges entregues à segunda turma são publicadas via internet. Talvez seja esse um dos aspectos responsável pela facilidade encontrada pela turma II na leitura das charges, uma vez que a mesma demonstra compreensão em relação apenas aos textos extraídos da internet. Isso me faz retomar a questão da “familiaridade” do leitor com o texto, pois os alunos, segundo relato deles próprios, têm pouco contato com o humor impresso em revistas e jornais e preferem ‘ver’ o humor acessando a internet.

Assim, ao se propor a leitura de um texto extraído de um meio com que os leitores estão habituados a interagir, são proporcionadas condições favoráveis a uma boa compreensão. Todavia, essa questão é apenas um dos fatores que facilitam a compreensão textual e, certamente, não o determinante. Outros aspectos devem ser considerados como a história de leitura de cada sujeito-leitor e a forma como a leitura é trabalhada em cada grupo, o que gera as diferenças apontadas entre uma turma e outra.

No que se refere às **crônicas**, as coletâneas entregues às duas turmas diferem em relação à quantidade de textos: cinco crônicas para a turma I e duas para a turma II. Essa redução ocorre em função da experiência adquirida com a primeira turma que, diante da diversidade de textos, não realiza a leitura das crônicas devido à extensão das mesmas. Também cabe lembrar aqui o tempo limitado para a realização das atividades em sala de aula.

A redução na quantidade de textos não impede, porém, que se faça uma comparação entre as duas turmas, pois há uma atividade comum proposta para ambas, que é a leitura da crônica *Pai não entende nada* (anexo B). Além disso, com as duas classes é trabalhada pelo menos uma crônica de José Simão e, apesar de não lerem exatamente a

mesma, os textos desse autor apresentam nível de complexidade e mecanismos de construção semelhantes.

A crônica de Veríssimo não é muito discutida, devido ao fato de ser compreendida por um número reduzido de alunos. Isso ocorre tanto com a primeira quanto com a segunda turma, talvez por ter sido apresentada no primeiro encontro, juntamente com os chistes e as charges, textos priorizados na discussão pelas turmas I e II respectivamente.

Os textos de José Simão são os que os alunos mais discutem, porém também são aqueles em cujas leituras são detectadas grandes dificuldades de compreensão.

Esse tipo de texto, que possui especificidades no seu modo de construção, causa estranheza aos alunos das duas turmas, mesmo que eles conheçam os fatos relatados pelo cronista. Não estando habituados à leitura da coluna de José Simão, eles não percebem o trabalho lingüístico do qual se vale o autor na construção do humor, como também não reconhecem a polifonia presente no texto, através das várias vozes que, direta ou indiretamente, ali se manifestam. Porém, são capazes de abstrair do texto algumas idéias compatíveis ao seu conhecimento de mundo e tecer comentários críticos acerca do tema explorado no texto.

Finalizando este capítulo, esclareço que o objetivo da comparação entre as duas turmas não é definir qual delas apresenta o melhor resultado, mesmo porque ambas revelam momentos de dificuldade e momentos de eficiência no processo de leitura. A intenção é verificar alguns aspectos, tais como:

- a) o trabalho com grupos diferentes revela que algumas dificuldades apresentadas são comuns a todos, o que facilita ao professor percebê-las, analisar suas causas e buscar meios de aprimorar o trabalho de compreensão textual;
- b) por outro lado, há também as dificuldades específicas de cada turma, o que ratifica o fato de que toda relação ensino-aprendizagem deve prever as diferentes situações e realidades de cada grupo, bem como as diferenças individuais dentro de um mesmo grupo;

- c) no processo de leitura não são detectadas apenas dificuldades e, além disso, aspectos não previstos por parte do leitor que seleciona os textos podem ser relevantes na perspectiva do leitor que os recebe.

Pensando no fato de que os alunos participantes desta pesquisa não estão habituados a trabalhar os gêneros do discurso humorístico em sala de aula e considerando o curto período de tempo destinado ao trabalho, pode-se fazer uma análise positiva da leitura por eles realizada. Isso reforça a posição assumida no início deste trabalho de se trabalhar o humor no ensino de língua portuguesa.

Logo, se a escola assumir que a leitura deve ser trabalhada e deve-se tomar como objeto para essa atividade todo e qualquer gênero discursivo, bem como todos os discursos, os resultados acerca da compreensão e interpretação textual, bem como da diversidade de leituras apresentadas, podem ser surpreendentes.

## **CAPÍTULO IV**

### **ANÁLISE DA ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

#### **Preliminares**

Este capítulo é destinado à análise dos textos produzidos pelos alunos participantes da pesquisa. O processo de produção textual se inicia a partir da escolha que os alunos fazem entre as três opções apresentadas a eles. Nas opções I e II os alunos, baseados na leitura das crônicas, devem produzir um texto com um novo tema, porém, seguindo a mesma construção formal da crônica escolhida. Já a opção III, menos direcionada, permite que o aluno crie uma charge que explore qualquer tema de âmbito nacional. Os textos produzidos revelam a escolha pelas opções II e III.

A atividade de escrita, bem como a de leitura analisada no capítulo anterior, é realizada em grupos de quatro ou cinco alunos. Como cada turma é dividida em cinco grupos, o material a ser analisado é composto de dez textos, sendo os textos enumerados de 01 a 05 produzidos pela turma I e os de 06 a 10, pela turma II.

O objetivo desta análise é verificar de quais elementos lingüísticos os alunos se utilizam na tentativa de produção de um texto humorístico e de que modo o fazem, bem como a relação desses aspectos com os elementos contextuais aos quais o texto se remete. No caso da escolha pela produção da charge, cabe verificar como o sentido do texto é constituído pelo uso da linguagem não-verbal.

Seguem as propostas de produção textual indicadas aos alunos:

## 4.1. Atividade de Produção Textual

Escolha uma entre as três propostas abaixo:

- I) Baseado na crônica abaixo, elabore um texto humorístico cujo tema seja a linguagem utilizada em algum tipo de profissão:

“O repórter policial, tal como locutor esportivo, é um camarada que fala uma língua especial, imposta pela contingência: quanto mais cocoroca, melhor. Assim como o locutor esportivo jamais chamou nada pelo nome comum, assim também o repórter policial é um entortado literário. Nessa classe, os que se prezam nunca chamariam um hospital de hospital. De jeito nenhum. É nosocômio. Nunca, em tempo algum, qualquer vítima de atropelamento, tentativa de morte, conflito, briga ou simples indisposição intestinal foi parar num hospital. Só vai para o nosocômio.

E assim sucessivamente. Qualquer cidadão que vai à Polícia prestar declarações que possam ajudá-lo numa diligência (apelido que eles puseram no ato de investigar), é logo apelidado de testemunha-chave. Suspeito é Mister X, advogado é causídico, soldado é militar, marinheiro é naval, copeira é doméstica e, conforme esteja deitada, a vítima de um crime – de costas ou de barriga para baixo – fica numa destas duas incômodas posições: decúbito dorsal ou decúbito ventral.

Num crime descrito pela imprensa sangrenta, a vítima nunca se vestiu. A vítima trajava. Todo mundo se veste, (...) mas basta virar vítima do crime que a rapaziada sadia ignora o verbo comum e mete lá: ‘A vítima trajava terno azul e gravata do mesmo tom’. Eis, portanto, que preciso estar acostumado ao *métier* para morar no noticiário policial. (...) Se um porco morde a perna de um caixeiro de uma dessas casas da banha, por exemplo, é batata...a manchete do dia seguinte tá lá: ‘Suíno atacou comerciário’.

Outro detalhezinho interessante: se a vítima de uma agressão morre, tá legal, mas se – ao contrário – em vez de morrer fica estendida no asfalto, está indefectivelmente prostrada. Podia estar caída, derrubada ou mesmo derribada, mas um repórter do crime não vai trair a classe assim à toa. Todos os repórteres usam o mesmo tipo de linguagem. E castiga na página: Naval prostrou desafeto com certa facada’. Desafeto – para os que são novos na turma – devemos explicar que é inimigo, adversário etc. E mais: se morre na hora, tá certo; do contrário, morrerá invariavelmente ao dar entrada na sala de operações.”

(Stanislaw Ponte Preta)

- II) Invente uma notícia e narre-a em quatro estilos diferentes. Baseie-se no texto abaixo, ou crie outros estilos.

### Os diferentes estilos

“(…) Narra-se aqui, em diversas modalidades de estilo, um fato comum da vida carioca, a saber: o corpo de um homem de quarenta anos presumíveis é encontrado de madrugada pelo vigia de uma construção, à margem da lagoa Rodrigo de Freitas, não existindo sinais de morte violenta.

**Estilo interjetivo** – Um cadáver! Encontrado em plena madrugada! Em pleno bairro de Ipanema! Um homem desconhecido! Coitado! Menos de quarenta anos! Um que morreu quando a cidade acordava! Que pena!

**Estilo colorido** – Na hora cor-de-rosa da aurora, à margem da cinzenta lagoa Rodrigo de Freitas, um vigia de cor preta, encontrou o cadáver de um homem branco, cabelos louros, olhos azuis, trajando calça amarela, casaco pardo, sapatos marrom, gravata branca com bolinhas azuis. Para este o destino foi negro.

**Estilo antimunicipalista** – Quando mais um dia de sofrimento e desmandos nasceu para esta cidade tão mal governada, nas margens imundas, esburacadas e féticas da lagoa Rodrigo de Freitas, e em cujos arredores falta água há vários meses, sem falar nas freqüentes mortandades de peixes já famosas, o vigia de uma construção (já permitiram, por debaixo do pano, a ignominiosa (1) elevação de gabarito em Ipanema) encontrou o cadáver de um desgraçado morador desta cidade sem policiamento. Como não podia deixar de ser, o corpo ficou ali entregue às moscas que pululam (2) naquele perigoso foco de epidemias. Até quando?

**Estilo reacionário** – Os moradores da lagoa Rodrigo de Freitas tiveram na manhã de hoje o profundo desagrado de deparar com o cadáver de um vagabundo que foi logo escolher para morrer (de bêbado) um dos bairros mais elegantes desta cidade, como já não bastasse para enfear aquele local uma sórdida favela que nos envergonha aos olhos dos americanos que nos visitam ou que nos dão a honra de residir no Rio.

**Estilo então** – Então o vigia, de uma construção em Ipanema, não tendo sono, saiu então para passeio de madrugada. Encontrou então o cadáver de um homem. Resolveu então procurar um guarda. Então o guarda veio e tomou então as providências necessárias. Aí então eu resolvi te contar isso.

**Estilo preciosista** – No crepúsculo matutino de hoje, quando fulgia solitária e longínqua a Estrela-d’Alva, o atalaia de uma construção civil, que perambulava insone pela orla sinuosa e murmurante de uma lagoa serena, deparou com a atra e lúrida visão de um ignoto e gélido ser humano, já eternamente sem o hausto que vivifica.

**Estilo Nelson Rodrigues** – Usava gravatas de bolinhas azuis e morreu!

**Estilo sem jeito** – Eu queria ter o dom da palavra, o gênio de um Rui ou o estro de um Castro Alves, para descrever o que se passou na manhã de hoje. Mas não sei escrever, porque nem todas as pessoas que tem sentimentos são capazes de expressar esse sentimento. Mas eu gostaria de deixar, ainda que sem brilho literário, tudo aquilo que senti. Não sei se cabe aqui a palavra sensibilidade. Talvez não caiba. Talvez seja uma tragédia. Não sei escrever mas o leitor poderá perfeitamente imaginar o que foi isso. Triste, muito triste. Ah, se eu soubesse escrever.

**Estilo feminino** – Imagine você, Tutsi, que ontem fui ao Sacha’s, legalíssimo, e dormi tarde. Com o Tony. Pois logo hoje, minha filha, que eu estava exausta e tinha hora marcada no cabeleireiro, e estava também querendo dar uma passada na costureira, acho que vou fazer aquele plissadinho, como o da Tereza, o Roberto resolveu me telefonar quando eu



estava no melhor do sono. Mas o que era mesmo que eu queria te contar? Ah, menina, quando eu olhei da janela, vi uma coisa horrível, um homem morto lá na beira da lagoa. Estou tão nervosa! Logo eu que tenho horror de gente morta!”

(Paulo Mendes Campos)

### Vocabulário:

- (1) ignominiosa = desonra infame, vergonhosa.
- (2) Pulular = multiplicar-se com rapidez.

III) Crie uma charge cujo tema esteja baseado em qualquer fato político ou social do Brasil:

## 4.2 Turma I

### TEXTO 01

#### Os diferentes estilos

Descreveremos neste texto um fato incomum na vida dos universitários de Floripa, em vários estilos que se passam a história até chegar nos ouvidos do diretor: “...Aluno do CA é atropelado dentro da UFSC por um trator de limpeza, na frente do DCE, quando fora atravessar a rótula, cortou caminho pelo gramado e quando voltou a si já estava no Hospital Universitário com a perna quebrada, e poucos arranhões.”

#### Estilo Colorido:

*Numa tarde azul, à beira de uma estrada cinza, um menino amarelo, vestido de branco, de olhos cor-de-mel, cabelos pretos e boca rosada foi atropelado por um trator laranja, todo desbotado. O menino ficou amarelo pálido e apareceu no hospital universitário verde esbranquiçado.*

#### Estilo Daí:

*Daí, o menino atravessou a rua, daí ele foi para o gramado e daí foi atropelado pelo tratorzinho de limpeza, e daí por isso foi levado ao hospital, e daí injetou o pé.*

#### Estilo Gay:

*Ai, bicha, foi horrível!! O bofe ali, caído no chão com o osso deslocado do joelho. Ai, menina, comecei a ficar meio enjoada, vendo o pobrezinho ali azul. Mas daí veio um bofe lindo, universitário, com pasta na mão...Ahhhh!! Ma-ra-vi-lho-so!!! Foi por isso que cheguei tarde aqui na sua casa. Fiquei lá, toda animadinha, vendo aquele movimento, né, menina?! Olha, um es-pe-tá-cu-lo!!*

### Estilo Sem Jeito:

*Eu queria poder escrever coisas lindas e ao mesmo tempo trágicas, onde usaria a linguagem poética de José de Alencar, Machado de Assis, para descrever o que se passou nesta tarde. Mas não sei onde começar, nem por onde finalizar, nem como transmitir como me senti naquele momento. Não sei se caberá aqui nem sentimento de “pena”. “Pobre coitado”!! Eu só queria poder escrever e demonstrar como foi comovente naquele momento”.*

(Grupo 01)

Seguindo a estrutura formal da crônica de Paulo Mendes Campos, os alunos iniciam o texto com a exposição do fato a ser narrado e a seguir, passam a narrá-lo de diferentes modos. Tal divisão que se faz entre a introdução do texto e os estilos pelos quais ele é constituído revela que o fato narrado não é engraçado, mas pode tornar-se objeto do discurso humorístico pela maneira como é articulada a sua apresentação.

Assim, o autor do texto, ao simular vários narradores diferentes para contar o mesmo fato, insere no discurso de cada um marcas específicas do grupo ao qual cada sujeito pertence. Portanto, fazendo referência à mesma situação, há enunciações diferentes, que resultam em diferentes enunciados. Para Koch (1997b), a enunciação deve ser vista como

*...um evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito. (p.14)*

Dos quatro estilos que compõem o texto 01, dois são os já apresentados na crônica original – **colorido e sem jeito** – e dois são propostos pelos alunos – **gay e daí**.

Essa semelhança formal entre o texto 01 e o de Paulo Mendes Campos, bem como a utilização por parte dos alunos de dois estilos já criados pelo autor, explicita uma relação entre os dois textos, pois os alunos, na função de autores, baseiam-se em uma produção pré-existente. Trata-se da intertextualidade em sentido restrito, que, segundo Koch (1997a) é “a relação de um texto com outros textos efetivamente produzidos” (p.48). Tal recorrência à intertextualidade já é prevista pela própria formulação dessa proposta de produção textual.

Apesar dessa semelhança formal entre os textos, cabe aqui analisar quais são as especificidades do texto 01 e como ele é construído de modo a produzir um possível efeito de sentido humorístico.

O fato a ser narrado trata de um evento contextualizado ao cotidiano dos alunos do Colégio Aplicação e isso é linguisticamente marcado pelos vocábulos: *diretor, aluno, UFSC, CA, DCE, trator de limpeza, rótula e H.U.*

Através dos estilos **colorido** e **sem jeito**, percebe-se que os alunos captam a técnica utilizada pelo cronista e a reproduzem com eficácia. No primeiro, realizam o cuidadoso trabalho de qualificar cada elemento do texto (personagem, cenário, objeto) com uma cor apropriada. No último, conseguem retratar o que é essencial ao estilo: explorar a necessidade de se narrar um fato, porém, sem conseguir fazê-lo, pela ausência da linguagem adequada para tal. É relevante nesse estilo a referência feita aos escritores José de Alencar e Machado de Assis, o que mais uma vez reforça a idéia de que os alunos são capazes de fazer adaptações do estilo proposto pelo autor aos seus conhecimentos de mundo. Provavelmente, tanto José de Alencar quanto Machado de Assis façam parte dos nomes da literatura estudados na segunda série do ensino médio e, em um momento de descontração, os alunos podem revelar que não possuem a linguagem erudita dos literatos.

O estilo **daí** - proposto pelos alunos - é semelhante ao estilo **então**, já apresentado na crônica original. Em ambos, o fato a ser narrado é segmentado e, introduzindo cada ação, há a repetição de um conectivo. O que os alunos demonstram através do texto que produzem é a percepção de que “então” é um marcador conversacional, que auxilia na progressão narrativa e, conscientes de que outros marcadores têm a mesma função, substituem o “então” pelo “daí”. O tom humorístico do texto fica por conta do uso excessivo do marcador.

Na elaboração do estilo **gay**, há um sofisticado trabalho lingüístico em vários níveis. Em relação à **semântica**, há um processo de escolha lexical que vai ao encontro da linguagem utilizada pelo grupo representado por esse estilo, como: *bicha* e *bofe*.

No aspecto **morfológico**, há a troca de gêneros, através do uso do feminino na voz de um locutor supostamente masculino. Já no nível **fonético**, há a segmentação dos adjetivos *ma-ra-vi-lho-so* e *es-pe-tá-cu-lo*, recurso responsável pela ênfase dada aos termos.

Além disso, com os sinais de pontuação – interrogação e exclamação – na maior parte dos enunciados, fica evidenciada a entonação da fala do narrador, o que é um bom uso de um marcador **prosódico**.

Todos esses elementos trabalhados simultaneamente na produção do texto contribuem na revelação de sua intencionalidade: representar o discurso de um grupo específico, no caso, os gays. Grupos minoritários e discriminados pela sociedade têm sido

objeto do humor, o que justifica a presença do humor racista e sexista na classificação do humor pelo critério temático. No caso, o estilo **gay** insere-se no humor sexista que, segundo Perotti (1995), “aborda situações relativas ao sexo, à prática sexual, ao comportamento homossexual (*grifo meu*)” (p.48).

## TEXTO 02

“...Cara de 19 anos, que dirigia um carro, bate em uma árvore, no caminho de casa”.

### Estilo Trágico:

*Um pobre rapaz de seus poucos 19 anos dirigia, um carro velho, bate em uma grande árvore, quando saiu da festa, na velocidade de 90 Km/h, ao caminho de casa, onde foi chamado para socorrer seu pai, que havia tido um infarte, onde nesta tragédia o seu carro demoliusse e perdeu sua cabeça com um longo e grosso galho!*

### Estilo Colorido:

*Um cara loiro, olhos azuis, surfista com seus 19 coloridos anos de vida, dirigia um corsa verde musgo, bate em uma árvore florida, cheia frutos vermelhos, no caminho cinza de sua casa amarela.*

### Estilo Patricinha:

*Guria, nem te conto! Daqui a pouco eu tenho hora no cabeleireiro. Hoje à noite, eu vou pro Ibiza, tem show do Charlie Brown Jr. E só vai dar gato...Ah! Deixa eu te contar...hoje, quando eu tava indo pro colégio, vi altos acidente, ali perto do shopping. O menino que bateu o carro parecia ser uma graça...que horror, me dá arrepio só de lembrar. AH! Vamos hoje no shopping que eu vi uma calça da fórum ma-ra-vi-lho-sa, sou obrigada a pedir pro meu pai...*

### Estilo Surfista:

*Pó bicho, hoje tava quebrando altas vala lá no pico. Só que eu dropei altas direita e, quando fui botar pra quebrar num aéreo, a minha quilha quebrou...peguei carona com um mano pra comprar outra, mas a estrada tava toda trancada. Um carinha tinha se arrombado numa árvore, coitado, até que dropava legal...*

(Grupo 02)

O texto 02 apresenta, além do *estilo colorido* já presente no texto 01 e na crônica original, três novos estilos: **trágico**, **patricinha** e **surfista**.

Na tentativa de se produzir um estilo que possa ser denominado de **trágico**, os autores reforçam, através do uso de adjetivos nas expressões *rapaz pobre*, *carro velho*, *grande árvore*, o aspecto negativo da situação narrada, que é um acidente de carro. Além disso, o acidente que, em princípio, parece não ser tão grave, toma proporções maiores quando narrado por um locutor que tende a exagerar nos aspectos trágicos da situação, tanto que busca um outro acontecimento trágico como causador do problema exposto: *o infarto*.

Já os estilos **patricinha** e **surfista** traduzem as marcas lingüísticas da conversação de grupos específicos, assim como ocorre com o estilo **gay** do texto 01.

Na fala da ‘patricinha’, não há apenas o intuito de narrar um fato, mas de expor o mundo a que pertencem as pessoas desse grupo, através da referência a lugares, objetos de valor e atitudes como *cabeleireiro*, *Ibiza*, *Shopping*, *calça fórum*, *pedir pro meu pai*. Segundo os alunos, o termo *patricinha* é uma gíria designada a nomear garotas que gostam de usufruir de roupas caras e objetos de valores de modo fútil.

Do mesmo modo, a seleção lexical no relato do surfista também indica haver uma linguagem específica de um grupo que tem um estilo de vida comum: *Pó*, *altas vala*, *pico*, *dropei*, *aéreo quilha arona*, *mano*, *dropava*.

Não é o caso aqui analisar o que leva grupos diferentes a possuírem vocabulário diferente com termos, expressões e gírias diversificadas. Uma vez pressuposto esse fato, cabe verificar que o aluno é consciente dessa diversidade e capaz de “dizer” o que os grupos “dizem”. Melhor dizendo, é capaz de criar narradores diferentes e textos coerentes a cada um deles. Assim, os textos 01 e 02, como qualquer outro texto que se proponha seguir a proposta II durante a atividade de produção textual, são polifônicos, no sentido de serem construídos por diferentes vozes, sejam elas vozes dos próprios grupos apontados – gay, surfista e patricinha – ou vozes que refletem a imagem que a sociedade faz desses grupos.

### TEXTO 03



Estilo Reacionário: Mais que um dia, meus queridos leitores a mentira reina, o pinto luz divulga suas metas para a universidade.

Estilo Então: Então vocês já sabem em quem votar? Não, então não se engane, pois anda pinto solto por aí, na qual falam que é a luz do progresso.

Estilo Preciosista: O inusitado de todos os seres imaginários e fictícios está em livres metáforas mentirosas.

Estilo Colorido: As cores azul (de FHC) e amarelo (do pinto) se juntam para colorir a universidade de branco da paz. Será que a moda pega?

(Grupo 03)

Ao elaborar o texto 03, os alunos optam por unir duas das proposta de produção textual (a segunda e a terceira), explorando o mesmo tema: eleição para reitor na UFSC. A organização de um único texto formado pela junção de dois diferentes gêneros, a crônica e a charge na respectiva ordem, resulta em um terceiro gênero (se é que se pode afirmar isso) ou ao menos em um terceiro formato de texto, denominado de propaganda.

Como o objetivo do texto 03 é fazer uma campanha contra determinada candidatura à reitoria da universidade, é necessário utilizar-se de algum mecanismo de elaboração textual que desperte a atenção do leitor/eleitor para o fato. Desse modo, justifica-se a presença da linguagem não-verbal como um meio de provocar no leitor a curiosidade pela leitura do texto para que, em seguida, ele a realize.

Analisando a primeira parte do texto, constituída pela charge, pode-se observar que a construção do sentido se faz pela relação entre imagem e enunciado. Quanto ao primeiro aspecto, o imagético, cabe destacar a presença de duas figuras. A figura maior e central é a caricatura do reitor da universidade no ano de 1999 que, na época, era candidato à reeleição. Caso isso não seja percebido pelo leitor, devido ao não reconhecimento dos traços pessoais ressaltados no desenho, o sobrenome do candidato – Pinto da Luz – é metaforicamente representado pelas imagens da lâmpada e do pinto.

Já na figura menor, presente no espaço destinado ao pensamento do candidato, há uma alusão ao governo americano. Se não se refere especificamente à pessoa do Bill Clinton, ao menos a referência se faz ao poder econômico e político americano, representado pelo vermelho e azul, cores da bandeira dos Estados Unidos da América e pelo símbolo do dólar, moeda oficial do mesmo país.

Em relação à presença dos enunciados, estes interagem com as figuras, constituindo um sentido para o texto. A crítica se faz pela oposição entre o enunciado dito e o pensado. Para isso, os alunos recorrem ao uso de balões, recurso destinado a explicitar e diferenciar fala e pensamento de personagens.

O discurso do candidato, que se diz contra a privatização, é falso, pois opõe-se a um outro discurso, aquele que tem em mente. A revelação daquilo que se pensa e não se diz tem a intenção de ironizar a figura do candidato, que tem forte ligação com o Presidente da República e ambos são ideologicamente assujeitados pelo detentor do poder econômico e político: os Estados Unidos da América.



Essa leitura que se faz da primeira parte do texto 03 é direcionada pelos elementos presentes de forma explícita como as figuras e os enunciados. Entretanto, chegar à interpretação desses elementos significa percorrer um caminho de revelação daquilo que está implícito, pois cabe ao leitor fazer certas inferências. Para isso, é necessário ativar o conhecimento de fatos extra-lingüísticos como *a existência da eleição na universidade, a relação desse fato com a privatização da mesma, a candidatura do atual reitor bem como o seu nome etc..*

A necessidade de se acionar o contexto para a realização das inferências confirma o que é afirmado por Zandwais (1990) em relação ao ato de decodificar subentendidos, pois, para ela, isso deve ser visto como “ato translingüístico, já que a compreensão daquilo que está mascarado no discurso depende, necessariamente, do conhecimento das circunstâncias históricas que originaram o dizer” (p. 40).

Na segunda parte do texto, destinada à elaboração de quatro estilos diferentes para a reprodução do “mesmo” enunciado, os alunos selecionam quatro estilos dentre os já vistos na crônica original: **reacionário**, **então**, **preciosista** e **colorido**. O que diferencia o texto 03 dos anteriores é que, nesse caso, não se trata de **narrar** um fato em quatro versões, mas trata-se de fazer um **apelo** ao leitor de diferentes maneiras. Essa modificação se faz por exigência da própria intencionalidade do texto: produzir uma propaganda.

Logo, como se trata de um apelo, nos estilos **reacionário** e **então** o locutor dirige-se explicitamente ao interlocutor, o que é registrado pelas referências à segunda pessoa do discurso: *meus queridos leitores e vocês*.

Mesmo que cada estilo tenha suas características próprias, há um elemento comum que é a referência às *mentiras* presentes na campanha do candidato em questão. Isso revela haver uma relação entre a primeira e a segunda parte do texto, que é a constante intenção de se explicitar a não veracidade do discurso do candidato, isto é, a não correspondência entre o que ele diz e o que pensa e pretende fazer.



## TEXTO 04

BRASIL - PAÍS EM DESENVOLVIMENTO



(Grupo 04)

A charge acima é um texto praticamente sem enunciado, o que sugere que os alunos sabem construir sentidos através da utilização da linguagem não-verbal.

O tema, já expresso pelo título, é o processo de desenvolvimento do Brasil. Para explorar esse tema, o texto é construído através de várias representações metafóricas, que podem ser assim descritas:

- a) subir ao pódio significa chegar a pertencer aos países do primeiro mundo;
- b) o Brasil, representado pela figura da bandeira brasileira, está a caminho do pódio, pois encontra-se posicionado na metade dos degraus da escada que o levará ao topo. Isso justifica o fato de ser o Brasil um país não mais denominado de subdesenvolvido, mas de país em desenvolvimento;
- c) os Estados Unidos da América, simbolizados pela bandeira americana e pela caricatura do presidente Bill Clinton, já pertencem ao primeiro mundo, uma vez que estão posicionados no topo do podium.

Tais representações descrevem a realidade mundial. O que de fato dá criticidade ao texto é a relação estabelecida entre os países desenvolvidos e aqueles que estão a caminho do desenvolvimento, relação esta também representada metaforicamente pelo gesto do governo americano: ‘urinar na bandeira do Brasil’.

A crítica implícita nessa imagem é a falsa propagação da possibilidade de ascensão de um país pertencente ao terceiro mundo. Veicula-se no discurso político a idéia de que com o desenvolvimento um país pode chegar a pertencer ao primeiro mundo. Isso é ilusório, pois esse chamado primeiro mundo é um espaço instaurado pelos detentores do poder, que não querem dividi-lo com os países subdesenvolvidos, tanto que os impedem, como a figura do texto 04 demonstra.

Ao construir uma charge que explora as relações sócio-político-econômicas entre dois diferentes “mundos”, os alunos estão produzindo um tipo de humor já classificado pelo critério temático como **humor político**.

Com a apresentação de um texto como esse, os alunos demonstram ao menos terem conhecimento de toda a situação relatada, conseguir ativar esses conhecimentos no momento de produção textual e, o mais importante, serem capazes de expressar em um texto não verbal as marcas que levam o leitor à interpretação desejada.

### TEXTO 05



(Grupo 05)

O texto 05, assim como o anterior, é também uma charge política e está construído praticamente sem enunciados. Trata-se de um texto cujo título revela ser a *educação* o tema abordado. E, com o objetivo de se descrever a “cara” da educação, optam os alunos por representar o sistema educacional através de uma imagem negativa do ambiente escolar.

No texto há uma série de detalhes que explicitam ao leitor os aspectos negativos de uma sala de aula, tais como: a) o lixo fora do cesto; b) a presença de aluno ou professor (não se sabe ao certo) como usuário de bebida alcoólica, fato representado pela figura da garrafa; c) livros no chão. Não bastando isso, a educação pede esmolas e as recebe do governo americano, representado aí pelo chapéu do Tio Sam, símbolo dos Estados Unidos da América.

Enfim, a charge é composta de todos os elementos extralingüísticos necessários para que se chegue a uma possível interpretação, mesmo com a ausência da linguagem verbal. Também revela que os alunos responsáveis por sua criação possuem uma visão crítica em relação ao tema abordado, o que é esperado por parte das pessoas que de alguma forma estão inseridas no sistema educacional. O que me pergunto é: trata-se de um texto humorístico?

Zandwais (1990) afirma que “mesmo nas sociedades mais liberais, há certos temas protegidos por um espécie de ‘lei do silêncio’, erguendo muralha entre os homens, tais como aqueles que englobam as áreas da sexualidade, da política e da religião” (p.11). Portanto, aquilo que não se pode expressar de modo explícito acaba por ser revelado implicitamente em

textos e o discurso humorístico é um desses lugares de livre manifestação . Então, se se assumir a idéia de que uma das funções do humor é ser pretexto para acionar o discurso implícito, “mascarando” o sério no não sério, a resposta à questão colocada é afirmativa: trata-se o texto 05 de um texto humorístico. Entretanto, é difícil para aqueles que se encontram inseridos no sistema educacional e presenciam seus problemas rir diante dessa charge.

### 4.3 Turma II

#### Texto 06

Notícia: Dois carros se bateram na Beira Mar.

##### Estilo Surfista:

*Dai, veio! Visse a parada lá, dois carros chegaram e pá, lá na beira mar. Era os bicho voando pra tudo quanto é lado, tá ligado!*

##### Estilo Professora de Filosofia:

*Bom, né! O carro chegou, né, freiou né e bateu em outro carro, né. Bom, este acidente aconteceu na Beira Mar, né.*

##### Estilo Manezinho:

*Ô, nego! Subesse o que se assucedeu, trêzontonte, lá na Bêra Má? Dox carro se baterem, e o raparigo era filho do seu Maneca.*

##### Estilo Gay:

*Mona, não sabe do babado. Dois bofe se chocram em plena Beira Mar. Foi um tumulto, tinha cada PM estragado.*

(Grupo 03)

O texto 06 apresenta quatro estilos propostos pelos alunos do grupo 03, sendo dois deles, o **surfista** e o **gay**, já explorados pelos alunos da turma I, o que me leva a ressaltar dois fatos:



- a) a escolha do tema a ser desenvolvido se faz pela recorrência a contextos conhecidos como, por exemplo, o mundo do surf: alunos entre quinze a vinte anos e residentes em uma cidade sede de campeonatos de surf ou praticam tal esporte, ou têm algum tipo de contato com quem o faz, de modo a conhecer a variante lingüística desse grupo, e
- b) o segundo fato diz respeito à ocorrência do estilo **gay**, como um estilo constantemente reproduzido em outros gêneros do humor e também por outros meios de comunicação como a TV. Daí a razão de se fazer referência a itens lexicais como *mona*, *bofe*, *estragado* que, de certa forma, já são cristalizados pela mídia quando se pretende construir humor verbal que tematize os gays.

O estilo **professor de filosofia** é elaborado pela repetição do marcador conversacional “né”, da mesma forma como ocorre com os estilos **né** e **daí**, apresentados em textos anteriores. A diferença aqui está na função do marcador como elemento lingüístico que identifica determinado falante, cujo discurso é preenchido pela recorrência ao “né”. Já quanto ao fato de o sujeito em questão ser um professor, pode-se afirmar que isso é um elemento de motivação à produção escrita dos alunos, pois somente em um trabalho com essa proposta de produção textual eles podem fazer referências aos costumes de seus professores. Não que os alunos tenham a intenção de ridicularizar a figura do professor de maneira depreciativa, mas trata-se de se utilizar de uma abordagem admitida no discurso humorístico e condenada em outros: a referência a superiores. Segundo Pinker (1998),

*...o humor é inimigo da pompa e do decoro, especialmente quando estes sustentam a autoridade de um adversário ou superior. Os mais convidativos alvos de ridículos são professores, pregadores, reis, políticos, oficiais militares e outros narizes empinados. (p. 573)*

O estilo **Manezinho** é produzido com algumas alterações ortográficas, visando a uma aproximação **fonológica**, como as que ocorrem em *assucedeu*, *trêzontonti*, *Bêra Má*, *Dox*, o que revela a intenção dos autores em transcrever a fala do grupo ao qual se referem, tal como ela é.

Também se utilizam de um aspecto **morfológico**, que é a alteração na desinência número pessoal do verbo, quando conjugados na segunda pessoa do singular, como em

*subesse* e de algumas expressões tais como *ô nego*, *raparigo* e *seu Maneco*. Todo esse trabalho em nível lingüístico visa a compor uma representação para o falar de um grupo geográfico específico: *manezinho* que, segundo os próprios alunos, é o nome atribuído aos falantes nativos da ilha de Florianópolis.

## TEXTO 07

Na noite de sexta-feira, um carro e um caminhão bateram de frente na BR 101. O carro foi ultrapassar e o motorista do caminhão não viu o carro, ocasionando duas vítimas fatais, o motorista e o caroneiro do automóvel.

### Estilo Religioso:

*Nossa Senhora, vocês ficaram sabendo do acidente de carro, meu Deus, eu não sei mais de carro, Virgem Santíssima.*

### Estilo Surfista:

*Pó cara, e aquela parada do acidente, tá ligado? Pó bicho, dois manos morreram.*

### Estilo Intelectual:

*Você observou um acidente que ocorreu na Br 101, na qual dois homens morreram de maneira trágica.*

### Estilo Manezinho:

*Oh...lho lho!...Espiasse a batida de carro, Jesus. Morreram quase tudinho,...credo,...qui barbaridade...*

(Grupo 02)

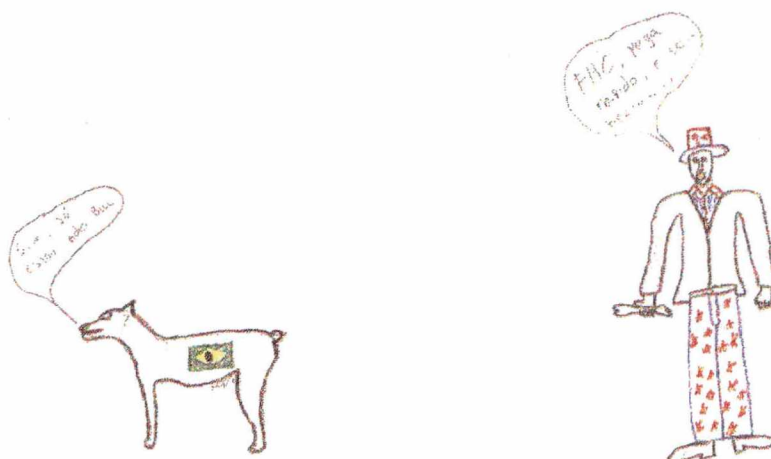
Os estilos **gay** e **manezinho** também se encontram no texto 07 e elaborados de forma a ratificar o que já foi afirmado na análise de alguns textos anteriores sobre a tentativa de se reproduzir o discurso de grupos específicos.

O texto 07 apresenta como novos os estilos **religioso** e **intelectual**. No primeiro, há uma série de vocativos que apelam a nomes consagrados pela igreja: *Nossa Senhora*, *Deus* e *Virgem Santíssima*. No entanto, o fato em questão não é narrado, o que deixa clara a

intenção do narrador, que não é contar o acidente de carro, mas revelar o pânico provocado por tal acontecimento.

Para compor o estilo **intelectual**, os alunos optam por utilizar uma linguagem mais sofisticada. Assim, elaboram uma sentença **sintaticamente** complexa, construída por três orações conectadas pelos pronomes relativos *que* e *a qual*. Na verdade, trata-se de um recurso simples em termos lingüísticos, pois os falantes produzem esse tipo de sentença naturalmente e isso é recorrente, mesmo na linguagem oral. No entanto, parece que os alunos tentam demonstrar que os pronomes relativos estão em desuso, pelo menos no que diz respeito a sua utilização correta segundo a norma culta da língua.

### TEXTO 08



(FHC, pega rápido e sem reclamar. Sim, já estou indo, Bill).

(Grupo 01)

O texto 08 corresponde a um diálogo entre os presidentes dos Estados Unidos da América e do Brasil, que se dirigem um ao outro pelos seus respectivos nomes: Bill e FHC.

A fala dos dois personagens, que constitui o aspecto verbal do texto, explicita as referências implícitas nas figuras. Através dessas, identificam-se os governos americano e

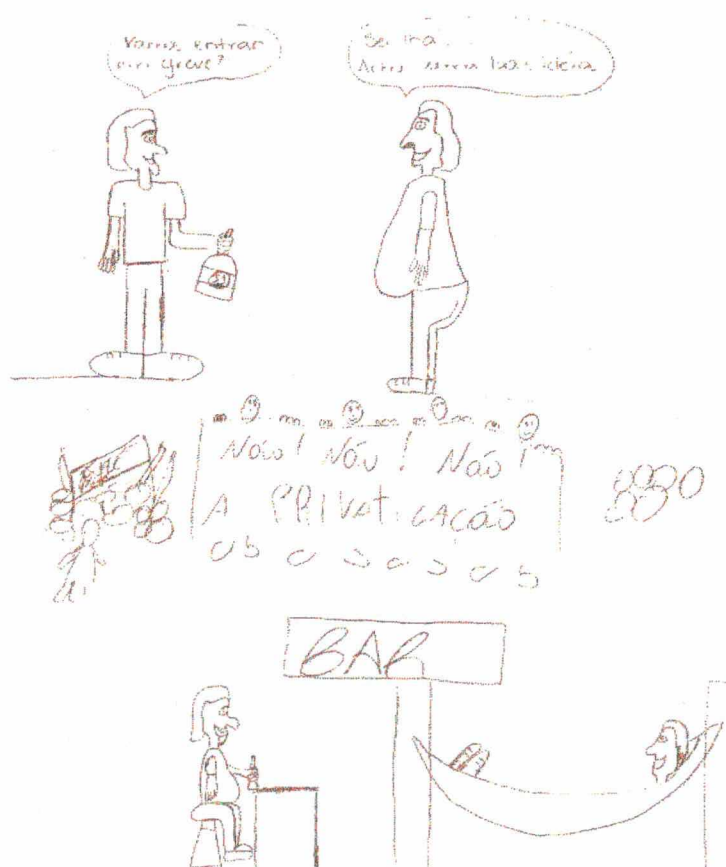


brasileiro pelas inferências feitas sobre os traços específicos de cada país: a figura do Tio Sam – representada pelo chapéu e pelas cores da bandeira norte-americana e a bandeira brasileira.

Igualmente aos textos 03, 04 e 05, há nessa charge uma crítica ao ato de submissão do Brasil diante dos Estados Unidos, o que representa a relação existente entre os países detentores do poder econômico e os dependentes desse poder.

O fato de FHC ser representado metaforicamente pela figura de um cão só intensifica a intenção do texto em demonstrar tal submissão brasileira, pois é de conhecimento comum que o comportamento dos cães diante dos homens é exemplo máximo de obediência.

### TEXTO 09



(Vamos entrar em greve? Sei lá, acho uma boa idéia)  
(Grupo 04)



O tema abordado no texto 09 é greve e, provavelmente, refira-se especificamente à greve de professores, uma vez que esse é um fato vivenciado diretamente pelos autores da charge: alunos de escola pública.

A charge retrata dois momentos diferentes. Em um primeiro momento, há um diálogo entre dois trabalhadores que decidem pela adesão à greve. Tal diálogo se constrói por um processo de intertextualidade explícita entre esse texto e o texto publicitário que divulga a *aguardente 51*.

Como o primeiro locutor convida seu interlocutor a fazer greve, mas mostra-lhe uma garrafa da referida bebida, a resposta dada por esse interlocutor é ambígua pois dois sentidos são atribuídos ao enunciado *acho uma boa idéia*: a) entrar em greve é uma boa idéia e b) beber aguardente 51 é uma boa idéia.

No segundo momento da charge, a ambigüidade se resolve, pois é revelada a verdadeira intenção dos grevistas, que é aproveitar o período referente à greve com atividades de lazer. Essa atitude não deve ser generalizada, pois, simultaneamente à figura do bar, há o manifesto do qual participam a maioria dos grevistas. O texto expõe a desunião da classe trabalhadora, fato que muitas vezes é alvo de críticas pela sociedade.

### TEXTO 10



Trata-se de uma charge política que satiriza a função dos aparelhos de comunicação que, quando grampeados, revelam escândalos, por denunciarem situações judicialmente comprometedoras para os políticos.

O texto descreve uma possível atitude tomada pela Presidência da República para resolver o problema: com a intenção de evitar um flagra que possa prejudicar a imagem do presidente, proíbe-se a aproximação de qualquer equipamento suspeito. Assim, faz-se uma crítica à inversão de valores, pois a presidência prefere calar a imprensa a deixar de se envolver em situações suspeitas, sendo essa última a atitude ética esperada.

Após a análise de cada um dos textos apresentados, passo a fazer algumas considerações a respeito do trabalho de produção textual realizado com as duas turmas de alunos, partindo das seguintes observações:

- a) a escolha temática na produção textual;
- b) a forma de elaboração textual e
- c) a relação entre o processo de leitura e o de produção de texto.

Quanto à **escolha temática**, é relevante a recorrência que se faz às relações político-econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos da América. Tal aspecto está presente em quatro das seis charges produzidas pelos alunos, ou como tema principal ou de forma paralela a outro tema. É o que ocorre com o texto 03, cujo tema central é a eleição ao cargo de reitor da UFSC, mas com o propósito de mostrar a influência do governo americano nesse processo eleitoral.

Também o texto 04, ao tratar do processo de desenvolvimento brasileiro, acaba por demonstrar o contraste entre os países de terceiro e os de primeiro mundo, sendo esses últimos representados pelos Estados Unidos da América.

Da mesma forma, o texto 05, que apresenta como tema a educação brasileira, não deixa de revelar o papel do governo americano como “colaborador” nas obras sociais do Brasil, entre elas, a instituição educacional.

Já o texto 08 trata a questão mais diretamente, pois explora a relação entre os governos brasileiro e americano como tema central da charge.

Cabe aqui questionar o que motiva os alunos a recorrerem a esse tema. Certamente esse tipo de discussão faça parte do cotidiano escolar dos alunos que, cursando a segunda série do ensino médio, encontram-se em fase de preparação para o exame vestibular, fato que lhes cobra leitura de natureza política, econômica e social.

Assim, os alunos demonstram criticidade em seus textos, mas, na verdade, isso parece refletir os discursos de seus próprios professores, o que confere caráter polifônico ao discurso, que sempre está tecido pelo discurso do outro.

Não aponto esse fato como negativo; pelo contrário, acredito que em cada uma dessas charges há um trabalho por parte de quem as elabora de recuperação do conhecimento partilhado e de seleção intencional dos elementos que compõem o texto, sendo, portanto, um recorte à crítica que lhe foi transmitida, uma nova crítica, uma recriação.

Buscar o que ocorre em sua volta como estímulo à produção de um texto é uma atitude recorrente entre os alunos. Assim, as demais charges, textos 09 e 10, também possuem temas que, apesar de diferentes – greve e escândalos políticos –, são facilmente abordados no contexto de sala de aula.

Logo, as seis charges analisadas neste capítulo são classificadas no critério temático como humor político, dada a natureza da crítica que se faz nesses textos, que são questões de ordem econômica, social e política (no amplo sentido do termo).

Ao contrário dessa temática política das charges, as crônicas – textos 01, 02, 06 e 07 – apresentam como tema um fato cotidiano: acidente de carros. É comum que no gênero crônica cenas do cotidiano sejam retratadas, inclusive essa é uma das características desse gênero. Entretanto, neste trabalho, todos os alunos autores de crônicas optam pelo mesmo tema, o que ratifica a idéia de eles serem estimulados a reproduzirem aquilo que freqüentemente presenciam.

Quanto ao **aspecto formal** da elaboração textual, as crônicas constroem-se pelo processo de intertextualidade formal, isto é, a produção desses textos baseia-se em um outro texto já existente.

As charges, das quais faz parte a linguagem não-verbal, procuram fazer uma seleção de traços figurados que possam levar o leitor à interpretação. Um bom exemplo disso é o que ocorre nos textos 03, 04, 05 e 08 em relação à forma de explicitar a alusão que fazem ao governo americano. Nesse processo, há graus de elaboração no aspecto formal (imagético) : enquanto o texto 03 lança mão de vários elementos de referência aos Estados Unidos, como

estampa da roupa, chapéu, cor da bandeira e moeda, o texto 05 limita-se a um elemento mínimo – o formato do chapéu – como pista às inferências necessárias à compreensão textual.

O último item a ser considerado é a **relação entre o processo de leitura e o de produção textual**, na qual há alguns pontos de não-coincidência:

- a) Na turma I, as charges lidas são compreendidas apenas pelo grupo 03, no entanto, no momento de produção textual, os grupos 03, 04 e 05 optam por esse gênero. Os grupos 04 e 05, como a maioria dos alunos desta turma, na leitura das charges, não percebem a intertextualidade, não compreendem as imagens, não sendo, assim, capazes de fazer as inferências adequadas. No entanto, constroem charges, textos 04 e 05, que exigem de seus leitores todos esses processos.
- b) Da mesma forma, os grupos 01 e 02 da turma I utilizam-se de vários elementos lingüísticos na construção de crônicas que apresentam, porém, esses mesmos elementos não são percebidos quando lêem as crônicas de José Simão.
- c) Na turma II, o grupo 03 demonstra compreensão pela leitura das charges e elege esse gênero como o representativo do humor inteligente, no entanto, opta pela produção da crônica.

Não considero esses aspectos, aparentemente divergentes, como conflitantes, pois eles apenas revelam que as dificuldades no processo de leitura e produção de texto não são exatamente as mesmas. A leitura de textos humorísticos exige todos os requisitos já mencionados nos capítulos primeiro e terceiro, inclusive uma predisposição psicológica para o humor. Já no processo de produção desse texto humorístico, o relevante é pensar na seleção temática e de elementos lingüísticos e formais que constituem o sentido pretendido.

Finalmente, cabe aqui destacar um ponto convergente nas duas atividades propostas aos alunos: a crítica feita nas charges 03, 04, 05 e 08 em relação ao governo americano como detentor do poder já é observada na leitura do texto de José Simão(anexo M) em cujo comentário os alunos mencionam a relação entre os Estados Unidos e Cuba.

Certamente, a análise dos textos apresentada aqui poderia ainda ser realizada sob outros enfoques. Porém, a intenção deste capítulo é apenas mostrar a que recursos e mecanismos da língua os alunos intencionalmente recorrem na tentativa de construir textos humorísticos e como relacionam esses elementos às questões contextuais e extralingüísticas. Fica claro que essa tentativa resulta em textos bem elaborados tanto do ponto de vista formal quanto temático. Assim, os alunos, mesmo apresentando algumas dificuldades em relação à

adequação à modalidade culta da língua, cumprem o desafio de produzir dois gêneros ainda por eles desconhecidos como proposta de produção textual: crônica e charge. No entanto, se esses alunos cumprem a proposta de realizar texto humorístico, esta é uma questão para os leitores responderem. Posicionando-me como leitora desses textos, afirmo ser cabível classificar essas produções no discurso humorístico.

## CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho, expressa na Introdução, é a inserção do discurso humorístico em sala de aula como objeto de leitura e produção textual.

Assim, no primeiro capítulo são definidos alguns conceitos dos quais a Linguística Aplicada se utiliza como aporte teórico e metodológico à análise de leitura e produção de textos. Além desses conceitos, são apresentados alguns autores que abordam em seus textos o discurso humorístico sob uma perspectiva lingüística. Dessa leitura, conclui-se que tanto os mecanismos da língua quanto o aspecto formal e a relação contextual são requisitos importantes para que um texto seja considerado humorístico.

No segundo capítulo, ficam relatados os procedimentos metodológicos da realização do trabalho em sala de aula, tendo em vista ser esta uma pesquisa prática.

Através das análises feitas – terceiro e quarto capítulos –, pode se constatar que textos humorísticos (verbais ou não) são um recurso didático interessante sob o ponto de vista da recepção bem como de sua produção.

No primeiro caso, pode-se afirmar que textos humorísticos deixam claro para o aluno fatos fundamentais envolvidos no processo de leitura, como:

- a) um texto pode produzir mais de um sentido, conforme se variem as condições de produção da leitura e
- b) em se tratando de textos de humor, em alguns gêneros é exigido do leitor que se privilegie um sentido em relação aos outros, do contrário, corre-se o risco de não compreendê-los de fato.

O resultado obtido durante as aulas destinadas à leitura demonstra o fato de os alunos terem consciência desses dois aspectos relativos à produção de sentidos, dos quais depende a compreensão dos textos. Portanto, nos momentos de leitura em que a compreensão não ocorre de maneira efetiva, são apontados outros aspectos como fatores responsáveis, como:

- a) o desconhecimento de contexto ao qual o texto faz referência ou
- b) a dificuldade provocada pela estranheza em relação à composição formal do texto.

Quanto ao ponto de vista da produção, o texto humorístico é capaz de deixar evidente, de uma forma agradável, fatos importantes do funcionamento discursivo dos textos e recursos da língua, o que leva à pesquisa lingüística.

A atividade de produção textual chega a superar a de leitura, no sentido de que os alunos, ao optarem pelo gênero charge, trabalham em seus textos as questões políticas do país, produzindo, dessa forma, textos tão ou mais complexos que aqueles cuja compreensão no momento da leitura parece ter não ocorrido, ou ocorrido com algum tipo de dificuldade.

Assim, espero que essa pesquisa tenha mostrado a possibilidade de se trabalhar o discurso humorístico nas aulas de língua portuguesa. Ratificando a questão levantada inicialmente sobre a função do ensino de língua materna de preparar “bons” leitores e “bons” autores, aponto para a importância de se ampliar o trabalho com os chamados textos escolares, através da leitura e produção de todos os textos com os quais o aluno se depara cotidianamente. Então, espero ter deixado claro o fato de que outros discursos podem e devem ser inseridos nessas mesmas aulas com o intuito de se trabalhar a diversidade de gêneros textuais.

Além disso, espero também ter demonstrado que a pesquisa aqui realizada não resulta em, através do humor, levar os alunos ao riso ingênuo. Pelo contrário, as atividades desenvolvidas revelam que os textos humorísticos fornecem aos alunos subsídios para que desenvolvam uma leitura crítica, capaz de desvendar o que está subentendido em um discurso.

Embora o humor seja visto, de um modo geral, como algo que tem o riso como único fim, pode ser observado sob outra perspectiva para que se entenda sua seriedade. Esse fato é percebido pelos alunos, o que concluo ser esse o aspecto mais satisfatório desta pesquisa.

Finalizando, deixo a citação de um dos maiores humoristas brasileiros, que aponta algumas das importantes funções do humor:

*Quanto mais coisa para desmitificar, quanto mais verdade escondida, quanto mais equilíbrio desmontável, maior o seu campo de ação, maior a sua presença, maior a necessidade de seu consumo.*  
(Ziraldó, 1970:36)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli E.D.A. "A pesquisa no cotidiano escolar". In: *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 5ª. ed., 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2.ed., 1981.
- \_\_\_\_\_. "Os gêneros do discurso". In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Helena H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- CHAUÍ, Marilena S. *O que é ideologia*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio do século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FURLANETTO, Maria Marta. *Gênero discursivo, tipo textual e expressividade*. 1996 (mimeógrafo).
- \_\_\_\_\_. *Produzindo textos: gêneros ou tipos?* 1996 (mimeógrafo).
- ILARI, Rodolfo & Geraldi, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 3ª.ed., 1987.
- KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997(a).
- \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 3.ed., 1997(b).
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 5.ed., 1999.
- MEURER, José L. "Esboço de um modelo de produção de textos". In: Meurer, José L. e Motta-Roth Desirée (org.), *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 1997.

- MEURER, José L. "O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem". In: Fortkamp, Mailce B. M. e Tomitch Lêda M. B. (org), *Aspectos da Lingüística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MOURA, Heronides M. M. *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.
- NORONHA, Olinda M. "Pesquisa Participante". In: Fazenda, Ivani (org.), *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 5ª. ed., 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. "Análise Automática do Discurso". In: *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. F. Gadet e T. Tak (orgs.), Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- PEROTTI, Ivane L. *Uma tipologia do discurso de humor (o político do humor e o humor político)*. Dissertação de Mestrado, UFSC: 1995.
- PINKER, Steven. "Qual é a graça?" In: *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINTO, Ziraldo A. "Ninguém entende de humor" In: *Revista Vozes de Cultura*. Petrópolis: Vozes, v. 64, no. 03, p. 21 – 37, 1970.
- POSSENTI, Sírio. "A imposição da leitura pelo texto: casos de humor". In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 15, p.111 - 116, 1988.
- \_\_\_\_\_. "Pelo humor na Lingüística". In: *Revista DELTA*, v.7, n.2, p. 491 – 519, 1991.
- \_\_\_\_\_. "Um cérebro para a linguagem". In: *Abralin*. n.13, dez.1992, p. 75 - 84.
- RASKIN, Victor. "Semantic Mechanisms of Humor". In: *Studies in Linguistics and Philosophy*, 24.Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- SOARES, Magda. "Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas". In: Fazenda, Ivani (org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 3ª. ed., 1999.
- TRAVAGLIA, Luís Carlos. "Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística". In: *DELTA*, v.6, n.1, p. 55-82, 1990.
- \_\_\_\_\_. "Homonímia, mundos textuais e humor". In: *Organon*, v.9, 1995.
- ZANDWAIS, Ana. *Estratégias de Leitura (como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal)*. Porto Alegre: Sagra, 1990.

## ANEXO A

### CHISTES

1. - Abandonei meu marido quando o flagrei num jogo de pôquer.  
- Mas o que ele fazia? Tinha um ás na manga?  
- Não. Tinha uma dama no colo.
2. Entre outras duas amigas. Só que...bonecas!  
- Pois é, Rogéria, eu agora só dou prá ricaço.  
- Que bobagem, querida! Quem dá aos pobres empresta a Deus!
3. No velório do Ayrton Senna todos choraram, só Damon Hill.
4. O cara acaba de ser atropelado. Ainda no chão, grita para o motorista que o atropelou:  
- Qual é? Você é cego?  
- Cego? Ora, eu te acertei, não acertei?
5. Três camaradas, numa expedição, encontram um índio e resolvem se identificar, para ganhar sua confiança, naquela linguagem meio de Tarzan.  
Diz o primeiro: Mím, mé-di-co!  
O segundo: Mím, bo-tâ-ni-co!  
O terceiro: Mím, cô-mi-co!  
E o índio: se voceis mé-di-cu, bo-tâ-ni-cu, cô-mi-cu, mím salva cu.  
E dá no pé depressinha.
6. - Dei um jaguar pra minha mulher e fiquei viúvo  
- Desastre?  
- Não, o jaguar estava com fome.
7. O louco ia a mais de 150 por hora, quando passou por um guarda, montado em sua moto, bem debaixo da placa onde estava escrito que a velocidade máxima era de 60 quilômetros.  
O guarda faz o carro parar, desce da moto e se aproxima, todo machão. Encosta seu cotovelo na porta do carro e pergunta pra bichona que está no volante:  
- “Cadê a carta?”  
E ela responde: “E eu, por acaso, fiquei de te escrever?”
8. Dois amigos judeus se encontram e um deles está muito quieto.  
O que aconteceu? perguntou o primeiro.  
Minha mãe morreu. Fiquei muito triste.  
Que pena! Meus pêsames. Mas o que ela tinha?  
Muito pouco, infelizmente: um apartamento, dois terrenos, um dinheirinho no banco...

9. O bêbado chegou no bar e disse: “me dá um metro de pinga”.  
O balconista mediu um metro em cima do balcão e despejou a pinga. E o  
bêbado disse: “agora embrulha que eu vou levar”.

## ANEXO B

### PAI NÃO ENTENDE NADA

- Um biquíni novo?

- É, pai.

- Você comprou no ano passado!

- Não serve mais, pai. Eu cresci.

- Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos, este ano tem 15. Não cresceu tanto assim.

- Não serve, pai.

- Está bem. Toma o dinheiro. Compre um biquíni maior.

- Maior não, pai. Menor.

Aquele pai, também, não entendia nada.

(Luís Fernando Veríssimo)



## ANEXO C

# Minicharges do Jaguar





## ANEXO D

# MAAMBEVESTUPIDAMENTE GELADA

"Me dá uma AmBev aí!"

Dentro de muito pouco tempo este vai ser o grito de guerra nos botequins do Mercosul e pelo resto das Américas. De Irajá a Machu-Pichu ou de Marechal Hermes a Dallas a louca suada passará a ter esse nome esquisito que os portugueses certamente vão chamar "Ambveb".

A megafusão das duas grandes cervejarias do Brasil, em que a Brahma tragou a Antarctica de um só gole, é o resultado de um grito dado por um gerente de vendas na convenção do ano passado: "Vamos fazer churrasco de pingüim!" O pessoal da Brahma levou a coisa a sério, foi almoçar com o pessoal da Antarctica, passou uma conversa e zap! Aliás, esse pessoal é bom naquilo que faz. Veio do Banco Garantia, absorveu as Lojas Americanas, tomou a Brahma, a Hering e a Artex dos alemães e agora a Antarctica dos paulistas. Os cariocas já podem comemorar com uma AmBev uma vitória sobre os paulistas.

Esta empresa gigante que aparece no cenário brasileiro faz parte de um movimento mundial onde a Lei do Mar vem funcionando desde que foi adotado o neoliberalismo como nova religião para o sofisticado mundo dos negócios. Essa lei – peixe maior comendo o menor – tem feito aparecer empresas que dão susto pelo seu tamanho. O petróleo do mundo vai ficar nas mãos de umas três empresas, a de alimentos nas mãos de umas quatro e a pasta de dentes em poder de duas. A camisinha, só tem quatro fabricando. O detergente, umas três. E o Viagra, que será cada vez mais necessário em face da impotência diante desse admirável mundo novo, só tem uma. O que deixa a ereção dos homens na mão de uma única multinacional.

As previsões indicam que muito em breve, lá pelo ano 2010, no máximo, o mundo inteiro terá se transformado num produto administrado por uma só companhia cujas ações vão estar em poder dos planos de previdência privada, administradas pelo Banco Garantia. Tudo de acordo com uma previsão que este consultor apresentou à diretoria do Salmon Trust, quando lá trabalhava, em sua filial do Texas. Foi na mesma época em que o Delfim Netto fazia milagre por aqui e queria somar para depois dividir. Pretendeu criar o que na época chamou de conglomerados e não deu certo. O milagre acabou antes.

Pois eu apresentei esse trabalho ao

Salomon e fui demitido. Correu por esse tempo em Dallas que eu tinha perdido o emprego por assédio sexual a uma secretária que dava para o Gerente Geral (General Manager), outros disseram que foi pura incompetência e alguns espalharam que eu havia entregue alguns segredos do Banco a um concorrente. Estes três fatores que reconheço honestamente como verdadeiros devem ter contribuído para o meu afastamento, porém a maior razão foi esse trabalho que apresentei e eles não gostaram, por falta de visão e audácia operacional.

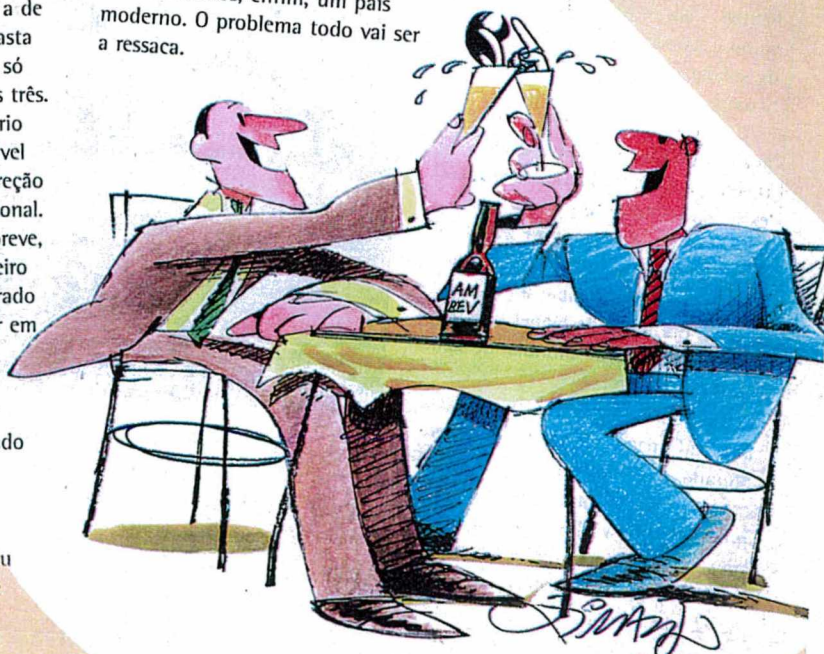
Resumidamente, a minha tese defende que o mercado é soberano e, assim sendo, não pode suportar grandes competições entre as marcas dos principais produtos. Como poderemos ter uma economia de mercado próspera se as mercadorias se digladiarem e aviltarem os preços?

Esta fusão que deu na AmBev é apenas um movimento importante, precedendo um tempo sem concorrência predatória, ou seja, ninguém mais vai reclamar de preço porque é pegar ou largar. Um tempo sem Procons e protestos de consumidores, os piores chatos que existem numa economia de mercado. As grandes companhias, assessoradas por nós, poderão contar com isso: minha equipe de assessores está pronta para investigar, descobrir as empresas em situação difícil (no Brasil são quase todas) e prepará-las para o "takeover".

O negócio é bom para todos, pois as empresas não precisam se preocupar com o concorrente, o consumidor não vai ficar paralisado, sem saber que marca escolher e o governo vai fazer mesmo a vontade de quem tem o capital e o mercado em seu poder. Vai baixar os impostos, como fez para a Ford, a Mercedes, Fiat e todas as outras que saíram na frente.

O presidente já disse: "o mundo hoje funciona em termos de oligopólio".

Seremos, enfim, um país moderno. O problema todo vai ser a ressaca.



**Ben B. de Paiva**

Ilustração: Ziraldo



TELEVISÃO

# Socorro! Deu apagão na Telefonica!

JOSÉ SIMÃO  
da Equipe de Articulistas

**Buembal! Buembal! Macaco Simão! Urgente! Aconteceu comigo! Era o que eu mais temia: eu sou a mais nova vítima da Telefonica de Espanha, a já famosa "Desligue djá!" Duas linhas mudas e o celular não funciona. Deu apagão no meu telefone. Nos dois!**

**E o celular a gente liga, e só dá "system busy". Eu não quero falar com ninguém que se chame System Busy. Eu quero falar com o ACM: "Painho, quero o meu telefone de volta!"**

**Deu apagão no telefone. Só falta dar um blecaute. Aliás, começou a chover. Só falta dar uma enchente. Por cima do blecaute, por cima do apagão do telefone. Esse país virou uma bagunça! Só duas coisas funcionam no governo FHC: bandidos e juros.**

**Eu vou lançar uma enquete: quem você acha que NÃO participou do sequestro do Wellington? Polícia já prendeu cinco suspeitos do sequestro do Wellington. Polícia prende nove suspeitos do sequestro do Wellington. Polícia acaba de prender 19 suspeitos do sequestro do Wellington. Quem você**

**acha que NÃO participou do sequestro do Wellington?**

**Mais um absurdo: o Brasil tá com ódio do Benigni. Do Chapolim italiano. Já chamaram ele de palhaço e a Sophia Loren de vagabunda. Diz que teve marmelada. Então vamos criar a CPI do Oscar. Só que cometemos um erro: pra competir com a Gwyneth e com o Benigni devíamos ter mandado a Angelica e o Renato Aragão. E um amigo meu quer criar o MDNAPGP, Movimento dos Não Agradecidos Pela Gwyneth Paltrow. Que agradeceu até o primo que morreu. Por ele ter morrido?**

**Continua o apagão do telefone. O negócio é ligar pro 0800-707060. Cê tenta, cê tenta e cê senta. Espero sentado. E o ministro das Comunicações? O Pimenta No Dos Outros? Foi falar abobrinha no "Roda Viva", aquele pulheiro tucano. Aliás, temos que privatizar o Roda Viva. E depois ele ainda foi ver o Oscar na casa de amigos. E eu ERA a favor da privatização. No Brasil não tá tendo privatização. Tá tendo picaretização. Nós sofre, mas nós goza! Hoje só amanhã!**

E-mail: simao@uol.com.br





JOSÉ SIMÃO

# Buamba! A Ford vai lançar trio elétrico na Bahia!

Buenha! Buamba! Macaco Simão! Urgente! Já sei! Já sei! porque os baianos tão pagando tão caro pra levar a Ford pra Bahia. Pra lançar trio elétrico.

Trio elétrico com air bag! E eu vou lançar uma campanha pra dar o nome do novo carro da Ford produzido na Bahia. Já temos dois: ACM Um Ponto Zero e Painho 2000! E, modelo 99 só vai sair em 2003!!

E atenção que já tá rodando um novo adesivo de apoio ao nosso suposto presidente: FHO-RA! Rarard!

E acaba de sair uma nova leprosição sexual: 90. Fazer um 69 com a mulher pensando na moça do 21. Uau!

E a situação no Brasil tá tão braba, mas tão braba, que diz que os brasileiros já estão rezando em inglês. Porque a fila dos que estão rezando em português já tá muito grande. Só rezando.

Aliás, o Brasil é um país tão católico que até a gasolina é batizada!

E aí um amigo meu tinha acabado de sair do Banespa, e o banco foi assaltado. Grandes coisas. Todo mundo já assaltou esse Banespa!

E aí no "Cidade Aleria" apareceu um cabo da PM: "Estamos na captura de um elemento trajando calção, sandália havaiana e de cor parda".

Calção, sandália havaiana e cor parda? Então eles estão na

captura de metade do Brasil. Ops, do dobro da metade do Brasil!!!

E um leitor viu uma frase no pára-choque de caminhão que é meio velha, mas, se eu não publicar, ele diz que cancela a assinatura da Folha: um homem quando fala de sexo com uma mulher é assédio sexual, e quando uma mulher fala de sexo com um homem, é R\$ 3,95 por minuto".

E diz que aí falaram pro Chaves que na Cidade do México uma pessoa era atropelada a cada duas horas. E ele: "Nossa, ela deve estar num estado lastimável". Rarard! E mole? É mole mas sobe!

E sabe como os tucanos chamam os aumentos de preço? Reposicionamento tarifário. Vocês aumentaram a luz? Não, não foi aumento, foi reposicionamento tarifário.

Aumentaram o telefone? Não, foi reposicionamento tarifário. E a gasolina? REPOSICIONAMENTO TARIFÁRIO! Os tucanos: só no truque!

E, pra terminar, uma piada de velório do interior de São Paulo: diz que em vida ela deu tanto que, quando morreu, as pernas falaram: "Enfim, juntas!". Rarard!

Nóis sofre mas nós goza. Hoje só amanhã. Quem fica parado é poste. Vai inão que eu não vou!!!

E-mail: simao@uol.com.br





# Edílson ganha prêmio: férias na Bahia!

Buembal! Buembal! Macaco Simão Urgente! Efeito Covas-  
lante, o Maniaco do Pedágio:  
um amigo meu voltou de férias  
e disse que já tão cobrando pe-  
dágio em estrada de terra. Só  
falta em estrada de ferro. Da-  
qui a pouco vão cobrar pedágio  
em estrada de ferro. E diz que a  
dona Pizza Hut perguntou pro  
FHC: "Don Doca, quem a gente  
vai receber hoje?". "Tomate,  
minha filha. Vamos receber to-  
mate." Rarará!

E tá tendo epidemia de hanta  
vírus no Brasil. Com H. Porque,  
anta sem H, o Brasil já tem essa  
epidemia faz tempo. Do que  
você morreu? Ai, eu morri de  
anta! E vamos abrir o concurso:  
quem é o Anta com H? O Gal-  
vão Bueno não vale. Aqueles  
buchocratas de Brasília tam-  
bém não. Buchocrata porque  
são uns buchos: cabelo mal cor-  
tado, óculos mal escolhido e pe-  
le ruim. E diz que a situação tá  
tão braba, que olha a manchete  
do "Diário de Natal": "Assaltos  
movimentam o domingo em  
Natal". É como passeio de  
buggy? Com emoção ou sem  
emoção? Diz que os assaltantes  
já estão fazendo a mesma per-  
gunta que os buqueiros: "Vocês  
querem o assalto com emoção  
ou sem emoção?".

A COPA DO ULTIMATE  
FIGHTING! F o Edilson? Cul-  
pado ou inocente? Tanto faz.  
Em vez de ganhar um castigo,  
ele ganhou um prêmio. Férias  
na Bahia. O quê? Foi passar fé-

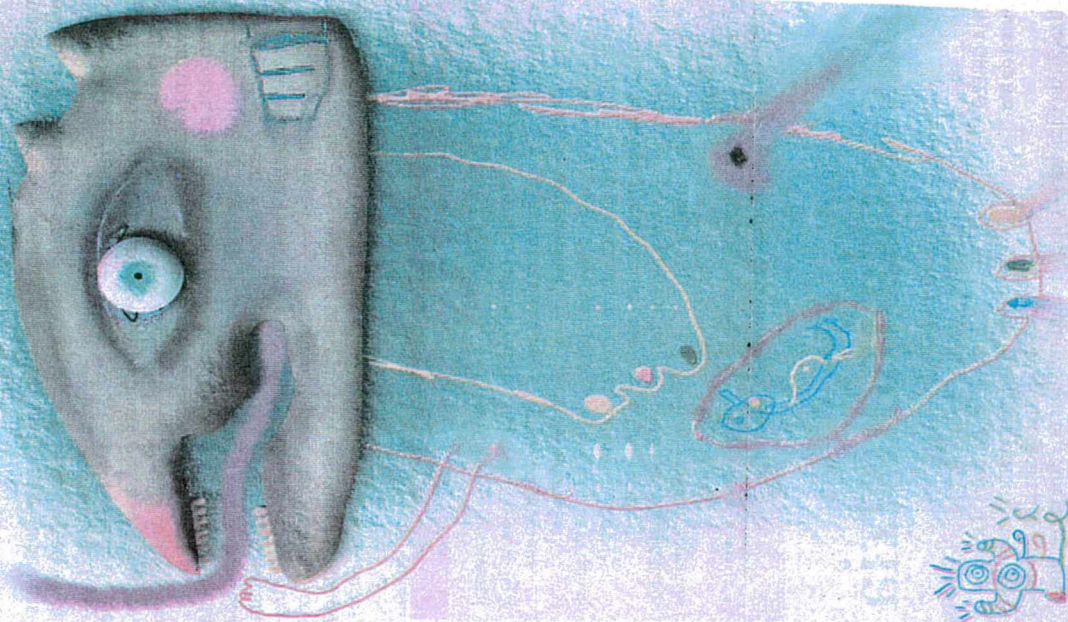
rias na Bahia? Muito melhor  
que treinar em Foz de Iguaçu.  
Com esse frio. Aquela catarata  
gelada!

E o tal do Ronaldinho 2? É a  
cara do Ronaldinho 1. Tem os  
mesmos dentes da Mônica!  
Em matéria de dentes, eles são  
idênticos. Idênticos pelos den-  
tes. Dentes idênticos! E diz que  
a Parmalat vai lançar o mais  
novo bichinho: o Pittbull Nu-  
nes. E aviso aos corintianos:  
provocar 11 homens de cabeça  
quente, fora o banco, é querer  
levar porrada mesmo! E diz  
que o Luxerley Vanderburgo  
quer fazer uma seleção de ma-  
rionetes: qualquer goleiro e dez  
dungas!

E aquele manual americano  
das sexualmente corretas? Tem  
que chamar mulher de huma-  
no nascido sem pênis. E o ho-  
mem é um humano nascido  
com pênis. A mulher é um hu-  
mano nascido sem pênis, mas  
chegada em vários. Rarará! E o  
mais correto não seria chamar  
o homem de humano desvagi-  
nado?!

E perguntaram pruma atriz  
mexicana: "Qual a primeira  
coisa que você faz antes de dor-  
mir?". "Fecho os olhos!" Rara-  
rá! Pensa que só português que  
é básico? Aliás, perguntaram  
pro português: "Você gosta de  
mulher com muito peito?".  
"Não, pra mim dois já tá bom!"  
Rarará! Nós sofre mas nós go-  
za!

E-mail: simao@uol.com.br





## ANEXO H

# PORTEIRA ABERTA

## ABunda

Os dois tapinhas que o Dr. Freitas lhe deu no

bumbum, assim que nasceu, fizeram Lucinha chorar pela primeira vez. Doze anos depois, o bumbum já era bunda, e o Dr. Freitas a faria chorar novamente, quando cedeu a um ímpeto desenfreado de deslizar suas mãos pelas nádegas da menina, enquanto ela dormia.

Por este tempo, Lucinha já sabia a diferença entre um carinho afetuoso, uma apalpada clínica e um "sarro". Já havia lido "O Médico e o Monstro", e encarou o gesto do Dr. Freitas com repugnância.

E a bunda crescia... Por debaixo das calças cada vez mais apertadas, um gigante adormecido ia se insuflando sem ser notado. Enquanto todos dormiam, na mansidão da noite, células adiposas e epidérmicas se agitavam freneticamente, dando relevo, volume, textura e cor ao "traseiro" de Lucinha. Um "traseiro" que estaria sempre a frente, conduzindo por onde passasse as outras partes do corpo, como um comboio que segue o líder para não descarrilhar.

Foi depois de umas palmadas do severo pai, por conta de alguma nota baixa na escola, que ela se revelou ao mundo em todo seu esplendor. No terceiro tapa desferido, seu Moacir mirou mais fixamente a bunda da filha, e teve a sensação de que estava cometendo um pecado. Lembrou-se de Carla Perez, Tiiazinha, Feiticeira... "Esta bunda vai ser patrimônio nacional, tombado. Como eu ousou tocar nela?", ele pensou. "Se ontem eles comiam nossas bananas, hoje eles querem comer nossas bundas". Seu Moacir encheu-se de sonhos sobre o futuro da filha. Tirou-a da escola, matriculou-a em

aulas de dança de "axé music", em academias de lambaeróbica, em cursos de canto, e fazia arguição oral para checar se ela sabia as letras de todas as músicas de pagode.

Como explicar para o leitor a perfeição daquela bunda? Era mais que os contornos; era mais que a maciez e o colorido; era mais que a rigidez e firmeza. Como uma obra de arte, a bunda de Lucinha podia ser apreendida pelos sentidos mas não pela razão.

Apesar de provocar os homens, usando shortinhos justos, biquínis encravados ou saias curtas que se suspendiam com um mero suspiro masculino, Lucinha jamais deixava homem algum tocar em sua bunda. "Esta bunda é uma dádiva do Senhor, sua criação sublime. Seria uma heresia alguém tocá-la", dizia o pai zeloso.

O Dr. Freitas ainda tinha o consolo de poder aplicar-lhe injeções quando ela estava gripada, mas era só.

Foi-se a virgindade e a bunda permanecia intacta. Podiam beijá-la na boca, acariciar-lhe os seios, possuí-la no maior fervor, mas que não encostassem um dedo na região sacra! E todos respeitavam a restrição imposta.

Lucinha resolveu que também os objetos não poderiam mais tocar em sua bunda. Nenhuma cadeira; nenhuma roupa; nenhuma toalha. Só a chuva, o vento e os raios do Sol é que teriam o privilégio de estabelecer contato. Lucinha chegou a usar repelentes, para afugentar os mosquitos mais excitados.

O sucesso chegou quando Lucinha foi convidada a rebolar num grupo de pagode e a posar em revistas masculinas. Ficou rica e famosa. Elegeu-se deputada, com o discurso de que toda mulher brasileira deveria ter acesso a uma alimentação básica que lhes desse o direito de ter uma bunda saudável e em forma.

Em uma de suas viagens pela África, foi coroada rainha de uma tribo local. Lá, então, comeram a bunda de Lucinha! Foi um grupo de canibais famintos. Que posteriormente, se tornaram vegetarianos, para manterem eternamente o sabor daquela bunda em suas bocas...





## ANEXO I



## ANEXO J



## ANEXO L





# Ueba! O que Deus criou, só o silicone segura!

Buembal! Buembal! Macaco Si-  
não Urgente Urgentíssimo! O  
braço armado da gandaita nacio-  
nal. Só se fala em uma única coisa  
no Brasil: silicone! A Xuxa botou  
dois litros, a Petticeira botou 40 li-  
tros. Agora é tudo em litro. No  
peito, na xota, na bunda, no siva-  
co. Deviam vender silicone no su-  
permercado. Me dá dois litros aí e  
juuuuuum peito, injeta ali mes-  
mo na gôndola do silicone.

Anoréxicas e com peitoão. Mu-  
lher chyster: só tem peito! E o que é  
bunda virá peito e o que é peito vi-  
rá bunda. E pra transar não preci-  
sa mais de camisinha porque já  
vem plastificada! E peito que se  
preze tem de ser de silicone. Eu vi  
um documentário na GNT sobre  
silicone. Ai apareceu uma loiri-  
nha linda "all american", daque-  
las que fazem cooper em Beverly  
Hills, com uns peitos lindos. Mas  
eram naturais, balançavam.  
Quando ela fazia cooper o peito  
balançava. Não pode. Ai ele tro-  
cou por um par de silicones.

Moral do peito: balançou, dan-  
çou! Rarará! E uma outra disse  
que, no cemitério de Los Angeles,  
só vai sobrar saquinho de silico-  
ne. Que é biodegradável! E uma  
outra ainda falou que a única  
maneira de envelhecer com digni-  
dade em Los Angeles é mudando  
pra NY! E a única maneira de en-  
velhecer com dignidade no Brasil  
é TACAR SILICONE!!!!!!

Ou como disse um leitor meu:  
"O que Deus criou, só o silicone  
segura". Rarará! É mole? É mole,  
mas sobe. Com silicone!

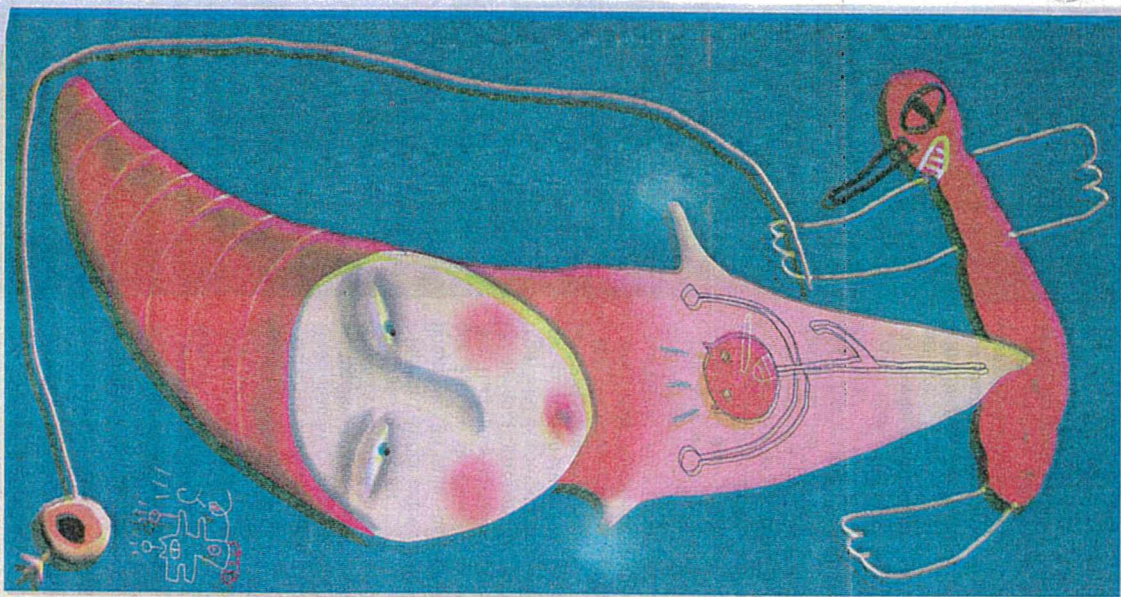
E aí uma leitora me disse que a  
Memê Pitta devia ser presiden-  
ta do Brasil. Com aquele mega-  
hair? Bem, eu prefiro um mega-  
hair que um megalomaniaco. Ra-  
rá! E daria pra dar mais um se-  
gundo pro programa "Menas Vo-  
cê" da Ananêba Brega? Pra ela  
não ter de se despedir mastigando  
de boca cheia?

O BABADO AMERICANO DO  
PEQUENO ELIAN. E todo mun-  
do quer visto americano pra ir  
buscar o cubanito Elián em Mia-  
mi: o pai, o avô, a madrastra, uns  
20 amiguinhos e até o pessoal de  
Governador Valadares já se proin-  
tíficou. Ai sai um avião lotado de  
Cuba pra ir buscar o Elián e retor-  
na de Miami só com o Elián. Isso  
se ele souber pilotar! Porque até o  
piloto vai ficar em Miami. Rara-  
rá! E responde a empolgante en-  
quete do meu site  
([www.uol.com.br/joseliniao](http://www.uol.com.br/joseliniao)): "O  
Pequeno Elián deve voltar a Cu-  
ba?". Só se for pra ver Cuba lan-  
çar.

E eu já disse que estava lá em  
Miami quando o pequeno Elián  
foi salvo do naufrágio das balsas.  
Ai pegaram ele e botaram num  
hospital. Entrou por uma porta e  
saiu pela outra totalmente ameri-  
canizado: de boné pra trás e cá-  
miseta do Pernalonga. Parecia  
uma máquina de americanizar  
cubano. Rarará! Nós sofre, mas  
nós goza. E gostoso! Hoje só ama-  
nhã! Vai indo que eu não vou!

As cobras acordam cedo!  
E dormem tarde! Isso que é pior!

E-mail: [simao@uol.com.br](mailto:simao@uol.com.br)



João Simão  
(Caderno Ilustrado -  
Folha de São Paulo, 5/4/2000)



## ANEXO N

